

# As mnemónicas no ensino do Grego em Portugal

(séc.s XVIII e XIX)

CARLOS MORAIS  
*Universidade de Aveiro*

*Quicquid praecipies, esto brevis, ut cito dicta  
Percipiant animi dociles teneantque fideles:  
Omne superuacuum pleno de pectore manat.*

Horácio, *A. P.*, 335-337

## 1. Introdução: das mnemónicas de Lancelot

Na senda de orientações didáctico-pedagógicas que mergulham as suas raízes no séc. XVI, sobretudo em Ramus (1515-1572) e em Sanctius (1523-1600) que preconizavam, já então, métodos abreviados que pudessem propiciar uma aprendizagem mais rápida e menos penosa<sup>1</sup>, Lancelot (1615-1695), ao elaborar os seus compêndios para o ensino do

---

<sup>1</sup> Conforme refere Alfonso Martín Jiménez, no seu estudo *Retórica y Literatura en el siglo XVI: El Brocense* (Valladolid 1977) 49, Sanctius «siguiendo una orientación ramista, insistía en la delimitación precisa del ámbito teórico de cada disciplina, como forma de suprimir lo accesorio y favorecer la rapidez de la enseñanza. En este sentido, se jactaba de poder enseñar la lengua latina en ocho meses con sus métodos y de poder hacer comprender la griega en veinte días con su Gramática».

Latim (1644) e do Grego (1655)<sup>2</sup>, seleccionou das fontes de que se serviu apenas o que de mais útil havia, cingindo ao essencial a abordagem teórica dos diferentes capítulos e ignorando o mais intrincado e acessório, ou seja, «ces petites pointilleries de Grammaire..., qu'elles ne font que sécher & qu'affoiblir les esprits»<sup>3</sup>. Era claro o seu objectivo de construir métodos que, fazendo uma descrição racional de cada uma das línguas clássicas e reportando tudo a princípios gerais, tornassem o ensino mais rápido e aprazível e amenizassem o esforço e o tempo dispendidos na aprendizagem.

Para melhor o conseguir, Lancelot utilizou basicamente três processos<sup>4</sup>: sistematizou algumas matérias em quadros sinópticos, por forma a que se pudesse ver de um relance tudo o que se necessitava de determinada matéria; serviu-se do vernáculo, em vez do Latim, como língua de comunicação gramatical, de molde a facilitar e apressar o entendimento de idiomas, à partida, desconhecidos dos alunos<sup>5</sup>; e sintetizou em pequenas regras o essencial da prosódia, da morfologia e da sintaxe.

O recurso a este último expediente — aquele que mais interessa ao nosso estudo —, embora não constituísse novidade, apresentava, contudo, aspectos inovadores. Em vez de escritas em longos e obscuros versos

---

<sup>2</sup> Para o nosso estudo, usámos as seguintes edições: *Nouvelle Méthode pour apprendre facilement la Langue Latine*, 12.ª éd. (Paris 1763); e *Nouvelle Méthode pour apprendre facilement la Langue Grecque*, 3.ª éd. (Paris 1754) que reflecte já muito do seu magistério nas *Petites Ecoles* de Port-Royal, onde ensinou desde 1645. Ao longo do nosso estudo, designaremos estes compêndios apenas por *Méthode de Latin* e *Méthode de Grec*.

<sup>3</sup> *Méthode de Latin*, 3. Estas palavras de Lancelot parafraseiam o pensamento de Quintiliano, expresso em *Inst. Or.*, 1. 7. 33-34. Embora o objecto do nosso estudo sejam as mnemónicas para uma mais fácil aprendizagem do Grego, vamos recorrer algumas vezes ao *Préface* (pp. 3-14) e ao capítulo introdutório *Avis au Lecteur touchant les règles de cette Nouvelle Méthode* (pp. 17-23) deste compêndio de Latim. A razão é simples: os fundamentos teóricos que Lancelot enunciou para a elaboração das suas mnemónicas para o Latim são, como veremos, os mesmos que vão estar na base da criação das de Grego.

<sup>4</sup> Cf. *Méthode de Latin*, 17 e sqq.

<sup>5</sup> Já no século anterior, Sanctius, sustentando que um mau uso do Latim era a causa da sua própria corrupção (*qui latine garriunt corrumpunt latinitatem*), advogara o uso do vernáculo nas aulas. A este propósito, veja-se o já citado estudo de Alfonso Martín Jiménez (Valladolid 1997) 49.

latinos, como as de Despautério que critica, estas regras, destinadas mais aos jovens alunos do que aos que estudavam «par réflexion et jugement»<sup>6</sup>, eram agora escritas em francês, em curtos versos de oito sílabas que apresentavam ainda a particularidade de terem rima emparelhada e, a encimá-las, um título que indicava resumidamente o seu conteúdo, como se pode ver por este exemplo retirado do livro III do *Méthode de Grec* (p. 135)<sup>7</sup>:

REGLE XVI

*E joint avant l'Augment temporel: η resout en εα:  
ει mis pour λε ou με.*

1. *Il joint au temporel augment  
E qui prend l'esprit du Present:*
2. *En εα resout même ἦτα,  
Comme εἶδα & εἶξα:*
3. *Au Parfait pour λε, με prend ει;  
Λέληφα, εἴληφα, sumsi.*

Da análise formal deste exemplo, ressalta a imediata conclusão de que a rima fixa por par de versos, associada ao ritmo, além de favorecer uma mais fácil, rápida e agradável retenção das normas gramaticais (o objectivo primordial destas mnemónicas), impedia que o jovem estudante, como bem sublinha Lancelot, alterasse a ordem das palavras e, assim, pudesse adulterar o sentido global da regra:

*...il falloit en même temps arrêter leur mémoire, en mettant ces Regles en petits Vers François, afin qu'ils n'eussent plus la liberté de changer les mots, étant astreints au nombre déterminé des syllabes qui les composent, & à la rencontre de la Rime, qui les leur rend tout ensemble & plus aisés, & plus agréables<sup>8</sup>.*

---

<sup>6</sup> *Méthode de Grec*, XIX. Para estes alunos, Lancelot preconiza um estudo baseado mais sobre a razão, pelo recurso sistemático à analogia, o que não impede, como refere, que uns e outros se sirvam de tudo indiferentemente.

<sup>7</sup> Convém referir que, não obstante ser o verso de oito sílabas que predomina no *Méthode de Grec*, Lancelot nos livros VII e IX faz uso nas suas regras do verso de doze sílabas.

<sup>8</sup> *Méthode de Latin*, 19.

Outro aspecto, essencial também, que se infere da mnemónica que transcrevemos como exemplo das demais, é a sua brevidade que assenta fundamentalmente numa grande economia de palavras e de conteúdos. De facto, o professor de Port-Royal tratou de encerrar nas suas regras que procuravam explorar a vertente lúdica da aprendizagem, não tudo, mas o que entendia ser necessário reter ou, então, o que mais facilmente podia escapar-se da memória de quem se iniciava nas línguas clássicas<sup>9</sup>. E não obstante ser sua preocupação elaborar mnemónicas que fossem, além de breves, claras e inteligíveis como se tivessem sido escritas em prosa, a por vezes excessiva concisão das fórmulas e dos conteúdos impunha o recurso, ainda que pontual, a “cavilhas”. Tendo como única finalidade preencher os versos, por forma a assegurar o ritmo ou a rima, estas “cavilhas”, sem nada acrescentarem ao sentido, podiam ir da simples palavra (e.g. *sumsi*, no v. 6 da regra XVI atrás transcrita) até expressões mais extensas, como acontece no v. 2 deste outro exemplo, extraído também do livro III do *Méthode de Grec* (p. 119)<sup>10</sup>:

REGLE IV

De la troisieme personne Pluriele.

*De la troisieme Pluriele  
Voici la regle essentielle.  
Ceux en ω le Parfait ont σι;  
Ceux en ον, ον auront aussi.  
Ailleurs toujours du Singulier  
En εν ou αν la faut former.*

Sobretudo nestes casos em que o carácter demasiado conciso das mnemónicas, aliado a uma versificação, aqui e ali, algo forçada, podia

---

<sup>9</sup> Cf. *Méthode de Grec*, XVII.

<sup>10</sup> Sobre este assunto, vide R. Cavenaille, “L’enseignement du Grec à Port-Royal”, in *Mélanges de linguistique, de philologie et de méthodologie de l’enseignement des langues anciennes offerts à M. René Fohalle* (Gembloux 1969) 296. A palavra *sumsi* do v. 6 da regra XVI, para além de assegurar a rima, oferece um testemunho sobre a forma como, no tempo de Lancelot, se pronunciava o ditongo ει. Este exemplo, no entanto, entra em contradição com o que o autor afirma na p. 10 do seu *Méthode de Grec*: «L’ει se prononçoit aussi par les deux voïelles, & faisoit un son plus plein que l’ιῶτα».

obnubilar a razão e a compreensão do que se sintetizava, necessário era que o aluno, com o auxílio do professor, ora recorresse ao essencial dos exemplos que, surgindo logo após as regras versejadas, as esclareciam com explicações mais profundas e circunstanciadas, ora passasse à prática, isto é, ao estudo dos autores onde as regras podiam ser totalmente confirmadas e dilucidadas:

...[en] faisant [les Enfants] passer le plus vite qu'il se peut par la connoissance de ce qu'il y a de plus général, il faut tout d'un coup les mettre dans la pratique, qui leur apprendra parfaitement & avec plaisir, le reste de ce qu'ils n'eussent appris dans les Regles qu'avec confusion & avec dégoût; car, comme les Regles donnent entrée à l'usage, l'usage aussi confirme les Regles, & rend très-clair ce qui paroissoit obscur<sup>11</sup>.

Deixam entender estas palavras que, se as mnemónicas em vernáculo, pelas suas características (brevidade, ritmo e rima), eram um mecanismo essencial para o êxito de um método que Lancelot pretendia fácil, rápido e agradável, a sua plena eficácia só se alcançava na perfeita simbiose com o “usus”, «le principal fondement de la connoissance des Langues»<sup>12</sup>.

Foi com base nestes pressupostos teóricos e metodológicos que o professor de Port-Royal delineou e construiu as suas 230 mnemónicas para o estudo do Grego que, distribuídas pelos nove livros do seu *Méthode de Grec*<sup>13</sup>, decalcavam, na sua formulação, a estrutura rítmica e rimática das do *Méthode de Latin*, que haviam saído do prelo uma década antes. Deste extenso conjunto de auxiliares de memória que, a partir de meados do séc. XVII, foi uma companhia inseparável de muitas gerações de estudantes de Grego, cerca de metade (113) foi incluída no seu *Abregé de la Nouvelle Méthode pour apprendre facilement & en peu de tems la langue Grecque*<sup>14</sup>, a confirmar a validade e permanente actualidade do

---

<sup>11</sup> *Méthode de Latin*, 20.

<sup>12</sup> *Méthode de Grec*, XXVIII.

<sup>13</sup> Destas 230 regras, só interessam ao estudo comparativo que vamos fazer 135, ou seja, apenas as que são incluídas nos livros I (10), II (21), III (76) e IV (28).

<sup>14</sup> Este método abreviado de Lancelot será citado, a partir de agora, apenas por *Abregé*.

princípio horaciano, citado em epígrafe: *quicquid praecipies, esto brevis...*

## 2. Das mnemónicas em Portugal

### 2.1. A importância do *Epitome* de João Jacinto de Magalhães

Um século após, mais concretamente em 1759 (eram ainda obra de referência os compêndios de Lancelot), em Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, depois de ter expulsado os jesuítas, tidos como responsáveis pela decadência do estudo das Letras por persistirem no uso de métodos inadequados e fastidiosos, empreendeu uma Reforma do ensino secundário que colhia a influência das correntes pedagógicas em voga pela Europa. Para esta nova escola, agora sob a alçada do Estado, estipulava-se, no *Alvará Régio* que a instituía, um método «reduzido aos termos simples, claros e maior facilidade»<sup>15</sup>, que acabou por implicar a escolha e adopção de manuais mais adequados a esta nova filosofia educativa. Assim, para o estudo da língua grega, as *Instrucçoens* — o texto regulamentador da Reforma —, para além da «coleção de Patuza» e do Dicionário de Kornelis Schrevel, determinavam, no seu § 4, o uso do «*Epitome* de Porto-Real traduzido em Portuguez, onde tem as regras mais breves, mais claras e mais solidas, que em outro qualquer»<sup>16</sup>. Da tradução e elaboração deste compêndio, que saiu no ano seguinte (1760), dos prelos de F. Didot, em Paris, com o título *Novo Epitome da Grammatica Grega de Porto-Real, composto na Lingoa Portugueza para uzo das Novas Escolas de Portugal*, foi incumbido João Jacinto de Magalhães<sup>17</sup>. Não obstante os mentores da Reforma lhe terem

---

<sup>15</sup> António Alberto Banha de Andrade, *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771)*, 2.º vol. (Coimbra 1981) 80, onde se transcrevem estas palavras do *Alvará Régio* de 28 de Junho de 1759.

<sup>16</sup> António Alberto Banha de Andrade, op. cit., 2.º vol. (Coimbra 1981) 90, onde aparecem transcritas estas palavras das *Instrucçoens para os Professores de Grego*, também com data de 28 de Junho de 1759.

<sup>17</sup> Sobre a vida e obra deste autor, bem como sobre esta obra didáctica, feita de encomenda para servir a reforma de ensino promovida por Pombal, vide o nosso artigo “A gramática de Grego de João Jacinto de Magalhães no contexto da Reforma

recomendado apenas a tradução do *Abregé* de Lancelot, Magalhães, ao constatar que este método era demasiado sucinto e omissivo, sobretudo porque lhe faltava a parte relativa à sintaxe, resolveu elaborar, «com o parecer de pessoas bem entendidas», um “novo” compêndio que se desviava ligeiramente do que lhe haviam proposto<sup>18</sup>. Tendo como base de trabalho o *Abregé*, o nosso autor tratou de completá-lo com outras matérias e ensinamentos que colheu quer do *Méthode* de Lancelot e da gramática de Furgault, ao tempo muito usada nas escolas de Paris, quer ainda da sua própria experiência, procurando nunca descuidar a essencial brevidade que deve ter um epítome.

Todos os aditamentos, alterações e inovações, que resultaram desta confluência de informações, acabaram por necessariamente ter reflexos também na elaboração das 101 mnemónicas incluídas no seu *Epítome*<sup>19</sup>. De facto, neste aspecto específico, o nosso autor, de acordo com os muitos acrescentos que fez, sobretudo nos capítulos relativos à flexão verbal (III e IV), introduziu algumas regras que retirou do *Méthode* e que eram ignoradas no *Abregé*<sup>20</sup>, associou a outras «alguns preceitos principais, que o original somente explicava na proza dos Exemplos»<sup>21</sup> e, em alguns casos em que Lancelot não tinha criado estes auxiliares de memória, inventou-os ele para assim poder sintetizar assuntos que entendia importantes<sup>22</sup>. Mas, por forma a estabelecer o necessário equilíbrio e a manter a sempre almejada concisão, Magalhães ignorou

---

Pombalina”, *Ágora* 1 (1999) 75-103, e o estudo introdutório à edição *fac-similada* deste *Novo Epítome da Grammatica Grega de Porto-Real* (no prelo), que ficou na história do ensino como a primeira gramática de Grego em língua portuguesa. Este compêndio será citado, a partir de agora, apenas como *Epítome*.

<sup>18</sup> Cf. *Epítome*, V-VI.

<sup>19</sup> Transcrevemos o *corpus* de mnemónicas de Magalhães no anexo I. 1.

<sup>20</sup> Foi o caso das regras 13, 28 e 38 do capítulo III, que correspondem, respectivamente, às regras 21, 44 e 61 do livro III do *Méthode*. Cf. *infra* anexo II.

<sup>21</sup> *Epítome*, p. VI. Entre as regras que apresentam pequenos aditamentos da responsabilidade de Magalhães contam-se as 31 e 49 do capítulo III (cf. *Méthode*, regras 46 e 75; e *Abregé*, regras 29 e 55), bem como as 5 e 12 do capítulo IV (cf. *Méthode* e *Abregé*, regras 6 e 15). Cf. *infra* anexo II.

<sup>22</sup> Da lavra de Magalhães são as mnemónicas 26, 27, 29, 30, 39, 41 e 42 do capítulo III e a 20 do capítulo IV. Cf. *infra* anexo II.

oito regras do *Abregé*<sup>23</sup>, expurgou de outras trinta «muitas miudezas menos necessárias, que as podiaõ fazer mais embaraçadas»<sup>24</sup>, explicou em prosa matéria contida em nove mnemónicas de Lancelot sem as transcrever<sup>25</sup> e, por fim, em doze casos, aglutinou numa só duas ou mais regras do gramático francês<sup>26</sup>.

Estes auxiliares de memória de Magalhães, que apresentam uma vertente lúdica que se enquadrava na nova metodologia de ensino preconizada pela Reforma, não eram uma tradução, mas uma recriação dos versos de oito sílabas de Lancelot. Apresentando como aqueles rima emparelhada, eram porém escritos em decassílabos, não porque fosse esse o ritmo mais sensível ao ouvido e o mais adequado à memorização (esse seria certamente o de redondilha maior<sup>27</sup>), mas pela necessidade, como

<sup>23</sup> Do *Abregé*, Magalhães ignorou as regras 9 (=9 do *Méthode*), 33 (=50 do *Méthode*), 39 (=57 do *Méthode*), 40 (=58 do *Méthode*), 41 (=59 do *Méthode*), 42 (=60 do *Méthode*) do livro III e as regras 1 (=1 do *Méthode*) e 2 (=2 do *Méthode*) do Livro V (~ livro VI do *Méthode*). Cf. *infra* anexo II.

<sup>24</sup> *Epitome*, p. VI. Constituem adaptações abreviadas, expurgadas de particularidades gramaticais desnecessárias, as regras 3 e 6 do capítulo I; as 2, 6, 7, 12, 14, 17, 19 e 20 do capítulo II; as 4, 5, 6, 9, 10, 11, 19, 20, 23, 34, 36, 37, 38, 43, 44, 47 e 50 do capítulo III; e as 1, 2, 11, 15 e 19 do capítulo IV. Cf. *infra* anexo II.

<sup>25</sup> As mnemónicas do *Méthode* não transcritas e explicadas em prosa no *Epitome* são a 10 (p. 105), a 12 (p. 106), a 16 (p. 110), a 37 (p. 130), a 42 (p. 134), a 43 (p. 140) e a 69 (p. 181) do livro III e a 1 (pp. 275-6) e 2 (pp. 273-274) do livro VI.

<sup>26</sup> Nestas doze regras que passaremos a enumerar, Magalhães congregou, adaptando-as, 25 das mnemónicas de Lancelot. Foi o caso das regras **20** (~ 33 e 35 do *Méthode* = 21 e 22 do *Abregé*), **32** (~ 47 e 48 do *Méthode* = 30 e 31 do *Abregé*), **34** (~ 52 e 53 do *Méthode* = 34 e 35 do *Abregé*), **35** (~ 54 e 55 do *Méthode* = 36 e 37 do *Abregé*), **37** (~ 62 e 63 do *Méthode* = 43 e 44 do *Abregé*), **43** (~ 65 e 66 do *Méthode* = 46 e 47 do *Abregé*), **44** (~ 67 e 68 do *Méthode* = 48 e 49 do *Abregé*) e **48** (~ 73 e 74 do *Méthode* = 53 e 54 do *Abregé*) do capítulo III; e ainda das regras **2** (~ 2 e 3 do *Méthode* = 2 e 3 do *Abregé*), **11** (~ 12, 13 e 14 do *Méthode* = 12, 13 e 14 do *Abregé*), **15** (~ 18 e 19 do *Méthode* = 18 e 19 do *Abregé*) e **22** (~ 26 e 27 do *Méthode* = 25 e 26 do *Abregé*) do capítulo IV. Cf. *infra* anexo II.

Se excluirmos as oito mnemónicas da sua autoria (cf. *supra*, nota 22), podemos concluir que Magalhães recriou 107 das 135 regras do *Méthode* de Lancelot, ao contrário do que afirma, por erro de cálculo, na p. VI do prólogo do seu *Epitome*: «reduzi as cento trinta coatro Regras do grande Methodo sobre as Letras, Syllabas, Nomes, e Verbos, a cento e uma: vindo por este modo a evitar 33 Regras, e mais de 150 versos».

<sup>27</sup> De acordo com Amorim de Carvalho (*Tratado de versificação portuguesa*, 3.ª ed. (Lisboa 1974) 34), este «verso muito cantante é, por excelência, o das canções populares e dos romancesiros. De grande maleabilidade, pela sua acentuação incerta, presta-se a todas as expressões emocionais».

refere o autor, de dispor de mais sílabas para melhor explicar os mesmos conceitos gramaticais contidos no original francês:

*Quem reparar no maior numero, que ordinariamente as palavras tem no Portuquez, do que as Francezas suas correspondentes; não deixará de julgar por equivalente ao nosso verso hendecassylabo, o das Regras francezas desta Gramatica, a que chamaõ verso de 8 syllabas, sendo realmente de 9 segundo o nosso modo de contar; visto que as rimas femininas sempre tem de mais o e mudo final, que elles contaõ por nada<sup>28</sup>.*

Convém referir, contudo, que estes decassílabos (preferimos designá-los, de acordo com o nosso modo de contar<sup>29</sup>), porque apresentam os seus acentos rítmicos predominantemente nas 6.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> sílabas, acabam por ter uma «musicalidade ondulante»<sup>30</sup> que associada à cadência das rimas, confere a estas regras de cariz didáctico uma toada típica de “cantilena”, propícia a uma mais fácil memorização<sup>31</sup>. Mesmo que Magalhães, conforme confessa no prefácio, tenha descurado a harmonia de alguns versos<sup>32</sup> que, por vezes, apresentam métrica irregular ou rimas repetitivas e pouco elaboradas entre palavras com o mesmo radical ou entre estruturas de igual valor morfológico, o objectivo das suas mnemónicas de amenizar e de abreviar o esforço de retenção das

---

<sup>28</sup> Magalhães, p. VI.

<sup>29</sup> Magalhães, como vimos pelas palavras anteriormente citadas, designa-os por hendecassílabos, porque, ao contrário do que hoje fazemos, contava as sílabas para além da última tónica. Segundo Amorim de Carvalho (Lisboa 1974: 14-15), este nosso «processo de contagem das sílabas, que suprime as átonas finais do verso, não deve ser tomado por mera convenção, pois assenta no facto de, na pausa terminal do verso, a sílaba ou sílabas átonas (sem acento tónico) não terem interferência rítmica. Equivalem a sílabas de transição, de descaimento suave da voz para o silêncio. Tanto que os versos terminados em palavra aguda prolongam-se, quando cantados, num som paragógico que substitui a sílaba átona final».

<sup>30</sup> Amorim de Carvalho (Lisboa 1974) 32.

<sup>31</sup> O acento rítmico colocado na 6.<sup>a</sup> sílaba, ao funcionar como *pivot* que articula duas partes sensivelmente iguais, confere ao verso um carácter ondulante e harmonioso.

<sup>32</sup> À guisa de *captatio benevolentiae*, o nosso autor, na p. VIII do prefácio da sua gramática, adverte para este facto, afirmando que «a armonia dos Versos não foi [seo] maior cuidado, visto não serem mais que um puro mecanismo da memória artificial; para cujo fim basta que a cadência das rimas, e uma tal ou qual medida dos pez, afaguem hum pouco o ouvido»

principais regras gramaticais não ficava invalidado. Até porque, seguindo de perto Lancelot, não deixou só à versificação o encargo de auxiliar a memória. Nas suas regras, que são essencialmente descritivas, muitas há que invocam a compreensão e a razão do aluno, pelo recurso à etimologia, à analogia e à comparação, o que lhe permite estabelecer cadeias de relações entre formas ou fenómenos linguísticos que apresentam pontos de contacto ou semelhanças<sup>33</sup>.

Nos casos em que a regra podia ser menos inteligível, dada a sua concisão, os escolares — já Lancelot o preconizava — deviam recorrer às explicações dos exemplos ou então ao uso e prática dos autores, na medida em que, como sublinha Magalhães, «só o caminho da tradução e da continuada lição dos AA., he o melhor (por não dizer o único) que há, para chegar a bem saber Grego, ou outra qualquer das Lingoas mortas»<sup>34</sup>.

Foi por estas regras, que eram apenas «um puro mecanismo da memória artificial»<sup>35</sup>, despido de qualquer beleza estética, que estudaram Grego, a partir de 1760, várias gerações de alunos. Recorde-se, em apoio desta nossa afirmação, que o *Epitome* de Magalhães, destinado a servir os desígnios do projecto pombalino para a restauração do ensino do Grego em Portugal, teve uma 2.<sup>a</sup> edição, publicada na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1814, e que, em 1829, continuava a ser ainda a gramática utilizada oficialmente nas escolas, conforme se pode verificar num ofício datado de 9 de Fevereiro, em que a Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino, preocupada com a falta de frequência das aulas de Grego, dava conta ao governo dos livros então adoptados (ainda os mesmos que Pombal elegera para a sua Reforma) e da necessidade de os melhorar:

---

<sup>33</sup> Cf. e.g. vv. 38, 44, 46-47, 57-58, 145-152, 185-186, 205-208, 221-222, 223-226, 275-278, 283, 295-296, 361, 363-363, 369-374, 383-386, 391-394, 395-396, 401-402, 403-404, 407-410.

<sup>34</sup> *Epitome*, XVI. Esta sua opinião é corroborada também pelo v. 300 (cf. anexo I. 1., regra 42 do capítulo III). Aí, para não se alongar muito na enunciação das propriedades da voz média, escreve: «co' uzo as mais circunstancias aprendrás».

<sup>35</sup> *Epitome*, VIII.

*Nas escolas de grego está adoptado o Epitome de Porto-Real para aprender a grammatica; e para os exercicios de traducção a Selecta composta pelo padre Custódio José de Oliveira, e approvada pelo alvará de 17 de Julho de 1772<sup>36</sup>, e Diccionario ainda o não ha impresso, mas faz-se uso do de Schrevelio, e do de Hederico de diffrentes edições: tudo isto precisa de melhoramentos, porém o maior inconveniente que a junta observa ácerca d'esta discilina é a falta de frequencia nas escolas, e emquanto se não der providencia capaz de o remediar, de balde será trabalhar no melhoramento da arte, e da selecta e impressão do diccionario<sup>37</sup>.*

A feliz circunstância que juntou em Coimbra alguns distintos professores de Grego, conjugada com o aumento de interesse que nesta cidade houve pelo estudo desta língua, sobretudo em 1829 e 1830, mercê de reformas entretanto introduzidas no ensino, criou uma atmosfera propícia à renovação dos manuais escolares, considerada necessária, como vimos, por forma a que ficassem adequados às exigências pedagógicas do momento<sup>38</sup>. Assim, António Ignácio Coelho de Moraes (1805- ?) fez publicar, em 1833, na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, por aviso régio de 27 de Julho de 1832, o *Compêndio da Grammatica da Lingua Grega para uso das Escholas do Reino* que, reimpresso no ano seguinte, viria a substituir oficialmente o *Epitome* de Magalhães<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Este foi o compêndio que veio substituir a selecta de Patuza, adoptada inicialmente pela Reforma.

<sup>37</sup> José Silvestre Ribeiro, *História dos Estabelecimentos Scientificos, Litterários e Artísticos de Portugal, nos successivos Reinados da Monarchia*, tomo V (Lisboa 1871) 378.

<sup>38</sup> Neste período, eram professores de Grego em Coimbra José Vicente Gomes de Moura, fr. Fortunato de S. Boaventura e António José Lopes de Moraes, tio de Antonio Ignacio Coelho de Moraes, que seria autor de vários compêndios de gramática da língua grega, como veremos. O primeiro publicou, em 1830, a muito aguardada *Selecta ex Graecae Linguae Poetis in publicum studiosae juventutis commodum*, de que tinha sido encarregado, em 1772, o P.<sup>o</sup> Custódio José de Oliveira. Lopes de Moraes, por seu turno, coadjuvado pelos outros dois, prosseguiu a elaboração do dicionário de Grego-Português, iniciado por Custódio de Oliveira, mas que nunca chegou a ser concluído. Sobre este assunto, veja-se José Silvestre Ribeiro, tomo V (Lisboa 1871) 380-381.

<sup>39</sup> Normalmente só se encontram referências à edição de 1834. No entanto, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, existe um exemplar da edição de 1833 (BGUC: 5-1-3) que eventualmente terá tido uma tiragem muito limitada.

## 2.2. As mnemónicas de Magalhães perpetuadas em outros compêndios

Anos mais tarde, na sequência desta publicação, este professor de Grego no Liceu Nacional de Coimbra, daria à estampa, também na Real Imprensa da Universidade, outros dois compêndios que nos interessam particularmente, por incluírem grande número de mnemónicas tiradas da gramática de Magalhães: as *Regras das Declinações, dos nomes parisyllabos, imparisyllabos, e contractos e da formação dos tempos dos verbos, nas tres vozes activa, passiva e media* (Coimbra 1850), um opúsculo que, segundo Pereira Caldas, professor de Grego em Braga, «foi coordenado no intento de facilitar aos alumnos o estudo desta língua»<sup>40</sup>; e o *Novo Compendio da Grammatica da Lingua Grega, comparada com as linguas latina, e portugueza* (Coimbra 1874), publicado por determinação da Direcção Geral da Instrução Pública, em Portaria de 29 de Agosto de 1873.

O primeiro destes compêndios, de acordo com a sua brevidade, adopta apenas 12 das mnemónicas de Magalhães relativas à flexão verbal, introduzindo-lhes ligeiríssimas alterações, sem qualquer implicação no sentido ou na métrica (vv. 180, 190, 192, 196, 214, 218, 264, 265), omitindo numa delas um hemistiquio (cf. v. 162) que, no original, tinha uma remissão que aqui deixa de ter sentido<sup>41</sup>. Pelo mesmo motivo, esta omissão repete-se na correspondente regra que integra um extenso *corpus* de 60 mnemónicas que reproduzem quase na íntegra 67 das regras do

---

<sup>40</sup> Cf. Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, vol. VIII (Lisboa 1873) 170. Elogiando a brevidade e eficácia deste método, Pereira Caldas, no testemunho transcrito por Inocêncio nesta mesma página, afirma que, ao adoptá-lo no liceu de Braga, «colheu os mais lisonjeiros resultados (...), vendo examinada com distinção no fim do ano a maior parte dos alumnos». E prosseguindo na sua análise dos compêndios de Moraes, conclui que, com a *Gramática* do professor de Coimbra, «embora muito repleta de doutrina, não [colheria] nunca esses proficuos resultados de ensino».

<sup>41</sup> A numeração dos versos foi por nós convencionada por forma a facilitar a consulta do anexo I. 1., onde estão transcritas as mnemónicas do *Epitome* Magalhães com o registo, em aparato crítico, das diferentes lições que apresentam nesta e em outras gramáticas dos séculos XVIII e XIX que vamos passar a referir. A consulta deste anexo deve ser conjugada com a do anexo III.

*Epítome* e que Coelho de Moraes transcreve quase fielmente, em apêndice (pp. 591-504) ao seu *Novo Compêndio* (1874). As alterações que nelas introduz, por nós registadas em aparato crítico na primeira parte do anexo I, são também escassas e pouco significativas. Circunscrevem-se a omissões (vv. 64, 154, 162, 191, 318) ou a pequenas adições e alterações (vv. 129, 132, 142, 143, 144, 145, 147, 158, 187, 192, 199, 314); a acrescentos que procuram clarificar o sentido do original (v. 8), mas que, por vezes, têm implicações métricas (vv. 72, 94); a correcções de palavras *metri causa* (v. 7) ou de simples gralhas do texto do *Epítome* (vv. 62, 212)<sup>42</sup>; e ainda a uma pequena alteração da ordem das palavras (v. 161).

Com a publicação destas regras de Magalhães ligeiramente retocadas, nestes seus dois compêndios, Coelho de Moraes, depois de provavelmente por elas ter estudado, é responsável pela perpetuação do seu uso, por mais de um século, no ensino do Grego em Portugal.

Não foi, porém, o único a responsável, uma vez que, em 1871, um outro professor de língua grega no Liceu do Porto publicou na Imprensa Nacional de Lisboa, para uso dos seus discípulos, uma arte intitulada *Elementos de Grammatica da Lingua Grega*, que inseria também 13 das regras do *Epítome*, que se apresentam reformuladas (vv. 9-12, 77, 78,80) e acrescentadas com versos de sua lavra (post vv. 24 e 77) ou com ligeiras alterações (vv. 25-26, 68, 70, 71-72, 99, 105, 106) que se traduzem, num caso, na inversão de dois hemistíquios (vv. 101-102)<sup>43</sup>.

E já muito antes, no final do século anterior, um outro compêndio, dando mais uma prova do apreço que as mnemónicas de Magalhães tiveram entre professores e alunos, havia colocado em apêndice (após a p. 142) 54 das suas mnemónicas. Referimo-nos à *Arte Nova da Lingua Grega, para uso do Collegio da Graça de Coimbra*, publicada em 1790, na Real Typografica da Universidade de Coimbra por Fr. Custódio de

---

<sup>42</sup> Os textos das suas mnemónicas, porém, também não escapam a estas gralhas (cf. vv. 85 e 104).

<sup>43</sup> Cf. anexo II. Esta gramática saiu anónima, não nos tendo sido possível apurar o nome do autor.

Faria (1761-1828). O autor, professor de Grego e de Hebraico no referido colégio, depois de muito provavelmente, ainda como estudante, ter contactado com estas mnemónicas, tratou de limá-las em pontos que lhe pareciam mais obscuros. Assim, apresentou novas versões para alguns dos versos (vv. 23-24, 56, 75-76, 162, 164, 310, 337, 338), introduziu noutros pequenas modificações de reduzida importância para o sentido e para a métrica (vv. 25, 54, 62, 64, 68, 74, 76, 99, 102, 104, 139, 143, 153, 163, 184, 192, 196, 199, 218, 264, 308, 314, 331, 345, 326, 394) e, além disso, omitiu alguns versos que lhe terão parecido desnecessários (vv. 155-156, 2 vv. post 326 e 4 vv. post 370).

### 2.3. Mnemónicas que ecoam Lancelot e Magalhães

Para o fim, reservámos o compêndio da autoria de António José Teixeira, saído dois anos antes (1788) dos prelos da Regia Officina Typographica de Lisboa, com um extenso título que resume o seu conteúdo e os seus objectivos: *Rudimentos da Lingua Grega, com a exposição de algumas peças de Esopo, Homero, e Anacreonte, para o uso de quem não está em Estado de frequentar as aulas, e quer adquirir por si só algum conhecimento do idioma grego*. Para tais destinatários, este professor de Grego, já reformado do ensino oficial, depois de ter exercido o seu magistério, ao que sabemos, na comarca de Leiria<sup>44</sup>, propunha um método que fosse «entre todos o mais fácil» (p. V), que lhes pudesse servir «como de huma luz, que guiasse, mediante o proprio estudo, ao conhecimento da lingua grega» (pp. V-VI) e que, sendo breve, conciliasse

---

<sup>44</sup> António José Teixeira aparece nomeado para professor de Grego na comarca de Leiria na *Lista dos professores régios de Filosofia Racional, Retórica, Língua Grega e Gramática Latina e dos mestres de ler, escrever e contar, despachados por resolução de S. Majestade de 10 de Novembro (...) de 1773, em consulta da Real Mesa Censória do mesmo mês e ano*. Cf. Joaquim Ferreira Gomes, *O Marquês de Pombal e as Reformas de Ensino* (Coimbra 1982) 26 sqq., *maxime* 30. Sabemos que, poucos anos mais tarde, passou à reforma, porquanto o seu nome figura numa outra lista, transcrita também por J. Ferreira Gomes, a pp. 66-67, onde são mencionados todos os professores de Filosofia Racional, Retórica e Língua Grega, «aposentados por graça especial com metade dos ordenados que percebiam», por resolução Real de S. Majestade de 16 de Agosto de 1779.

a teoria com o uso. Inclui, por isso, excertos anotados e comentados de peças dos autores gregos já referidos no título e «serve-se algumas vezes da liberdade do verso, não para ser mais difícil, mas para se explicar com maior brevidade, e igual clareza, nas materias mais embaraçadas, e em todas aquellas em que a memoria póde achar no verso o maior socorro» (p. VII). Escritas também em versos decassílabos, com rima predominantemente emparelhada que alterna, por vezes, com a cruzada e a interpolada, estas mnemónicas, transcritas no anexo I.2., não sendo, como as anteriores, uma cópia quase fiel das de Magalhães, apresentam, contudo, destas e das de Lancelot ecos evidentes, que registamos no anexo III. Ao pretender fazê-las mais concisas, de acordo aliás com a filosofia de todo o método, António José Teixeira tornou-as, contudo, mais obscuras e difíceis de entender, mormente as relativas à morfologia (pp. 5-41, *maxime* 10-33)<sup>45</sup>. Por esse facto, as suas mnemónicas, muito mais do que as de Lancelot e de Magalhães, necessitam do auxílio constante da explicação dos exemplos que se lhes seguem, para que se tornem inteligíveis e cumpram o seu objectivo de ajudar a imprimir na memória, sem grande esforço, as regras básicas da língua grega.

### 3. Conclusão

Preconizada por Horácio como um dos princípios básicos a seguir principalmente pelos que se dedicam à poesia didáctica, a *breuitas in rebus*, pela eliminação do acessório e do supérfluo, permite não só, como afirma o Venusino, uma rápida assimilação de preceitos veiculados pelo texto poético, como também a sua mais fácil memorização<sup>46</sup>. Tendo também como válido este princípio, Lancelot, em meados séc. XVII, compôs uma gramática simplificada e clarificada para o ensino do Grego, que apresentava um conjunto extenso de mnemónicas em vernáculo, cuja finalidade, como vimos, era a de mitigar o esforço de aprendizagem de uma língua tida por muitos como difícil.

---

<sup>45</sup> Cf. anexo I. 2., sobretudo vv. 289-362.

<sup>46</sup> *Vide* citação em epígrafe.

Ao elaborar o seu *Novo Epitome da Grammatica Grega de Porto-Real, composto na lingua Portugueza, para uzo das novas escolas de Portugal* (Paris/Lisboa 1760), com base nos compêndios do emérito helenista de Port-Royal (*Abregé e Méthode de Grec*), João Jacinto de Magalhães recriou mais de uma centena das suas mnemónicas. Estas regras versejadas, que se enquadravam na nova metodologia de ensino instaurada pela Reforma Pombalina, acabaram por ser um precioso auxiliar no ensino e aprendizagem do Grego em Portugal, durante mais de um século, quer através da sua gramática que teve duas edições (1760, 1814), quer através de outros compêndios que as recriaram ou adoptaram, por vezes, com ligeiras alterações.

## ANEXO I

### *Mnemónicas de João Jacinto de Magalhães adoptadas, com ligeiras alterações, ou recriadas em outras gramáticas de Grego dos séc.s XVIII e XIX.*

Dividimos este anexo em duas partes. Na primeira, transcrevemos o “corpus” de mnemónicas de Magalhães, respeitando a ortografia e as convenções estilísticas da época do autor. Apenas acrescentámos ou corrigimos a acentuação das formas gregas, alterámos ligeiramente a pontuação, por forma a que alguns textos ficassem mais claros, e introduzimos algumas correcções *metri causa*. Em aparato crítico, registamos as diferentes lições de algumas destas regras adoptadas por gramáticas de Grego de finais do séc. XVIII e do séc. XIX (*vide infra* “conspectus siglorum et editionum”), não considerando, contudo, as divergências de ordem ortográfica (*são / sam, hão / ham, é / he, igual / igoal, diphthongos / dithongos, accusativo / acusativo, façam / fação, dois / dous...*).

Na segunda parte, reproduzimos o conjunto de regras recriadas por António José Teixeira (1788), que, na sua elaboração, denunciam a influência de Magalhães e de Lancelot.

Por forma a facilitar a consulta e a localização dos textos, apresentamos, à esquerda, a numeração das páginas das gramáticas e, à direita, a numeração contínua dos versos incluídos neste anexo. E para melhor se perceber toda a teia de correspondências destas mnemónicas, recomendamos a consulta dos anexos II e III.

#### *Conspectus siglorum et editionum:*

- Ep** João Jacinto de Magalhães, *Novo Epitome da Grammatica Grega de Porto-Real, composto na Lingoa Portuguesa, para uzo das novas escolas de Portugal*, Paris, 1760.
- R** António José Teixeira, *Rudimentos da Lingua Grega*, Lisboa, 1788.
- An** Fr. Custódio de Faria, *Arte Nova da Lingua Grega para uso do Collegio da Graça de Coimbra*, Coimbra, 1790.
- Rd** António Ignácio Coelho de Moraes, *Regras das declinações dos nomes parissyllabos, imparissyllabos e contractos, e da formação dos tempos dos verbos nas tres vózes activa. Passiva e media*, Coimbra, 1850.
- Eg** *Elementos de Grammatica da Lingua Grega*, ordenados pelo Professor de Lingua Grega no Lyceu Nacional do Porto, Lisboa, 1871.
- Nc** António Ignácio Coelho de Moraes, *Novo Compendio da Grammatica da Lingua Grega comparada com as linguas latina, e portugueza*, Coimbra, 1874.

## 1. *Corpus de mnemónicas de João Jacinto de Magalhães*

(Vide *Novo Epitome da Grammatica Grega de Porto-Real, compsto na Lingoa Portugueza, para uzo das novas escolas de Portugal [Ep]*, Paris, 1760)

### CAPÍTULO PRIMEIRO

*DAS LETRAS E SYLLABAS*

(p. 9)

#### Regra I

Das vogais.

*Sete sam as Vogais, que os Gregos tem.* 1  
*Longo* ὠμέγα *será,* ἦτα *tambem:*  
*Breve* ὀμικρόν *mais* ἐψιλόν *ulgai;*  
*E* ἄλφα, ὑψιλόν, *com* ἰῶτα *aos communs dai.*

(p. 10)

#### Regra II

Dos Dithongos proprios e improprios.

*Dithongos proprios sam* αῖ, αῦ, 5  
*εῖ, εῦ, οῖ, e mais ou:*  
*Improprios* α, η, ω, *(se sam [ap]plicados),*  
*E* ηῦ, ωῦ, υῖ, *<cacophon.> seram chamados.*

(p. 11)

#### Regra III

Devizaõ das Mudas.

Πι, Κάππα, Ταῦ, *por tenues sejam tidas,*  
*Medias são* Βῆτα, Γάμμα, Δέλτα *havidas;* 10  
*Mas o* Θῆτα, Φῖ, Χῖ, *por aspiradas:*  
*E podem muitas dellas ser trocadas.*

---

7 *applicados Ep : plicados Nc* || 8 *ωῦ Ep : ων Nc* | *cacophon. add. Nc* (cf. *Méthode 7, Abregé 19*) || 9 *Π...tidas Ep An Nc* : Π, κ, τ, *por tenues ou fortes são tidas Eg* || 10 *Medias...avidas Ep An Nc* : β, γ, δ, *por medias ou docesavidas Eg* || 11 *Mas... aspiradas Ep An Nc* : φ, χ, θ *estas chamam-se aspiradas Eg* || 12 *E... trocadas Ep An Nc* : e na flexão algumas d'ellas são trocadas **Eg**

- (p. 12) **Regra IV**  
 Das Liquidas, ou Immutaveis.  
*O Λάμβδα, ῥῶ, μῦ, νῦ, Liquidas são,  
 E quazi que Immutaveis sempre estam.*
- (p. 13) **Regra V**  
 Das Duplices, e do σ.  
*O ψῖ, ξῖ, ζῆτα por dobradas temos, 15  
 E todas pelo Σίγμα resolvemos.*
- (p. 15) **Regra VI**  
 Das Syllabas capazes de têm Acento.  
*Tem trez pontos o Agudo em longa, ou breve:  
 Os dois do fim o circumflexo deve  
 Co'a longa só guardar; e discorrendo  
 Vou no fim por agudo o grave vendo. 20*
- (p. 17) **Regra VII**  
 Do apostropho.  
*Nas palavras o Apostrophe declara,  
 Que alguma vogal breve se tirára:  
 E se a seguinte sóa asperamente  
 A tenue aspirará da antecedente.*
- (p. 19) **Regra VIII**  
 Do ν que se junta no fim das palavras  
 acabadas em ε, ou ι.  
*Quando ἐψιλόν, ou ἰῶτα terminar 25  
 A palavra, hum νῦ posso acrecentar.*

---

21 apostrophe Ep An Eg : apostropho Nc || 23 E se...asperamente Ep Eg Nc :  
 Se tem Espirito aspero a sequente An || 24 A... antecedente Ep Nc : Aspirar-s'-há  
 a tenue precedente An | mas a media seu valor guardará, e sómente o β (bêta)  
 mudará add. post v. 24 Eg || 25 Quando Ep Eg Nc : E se An | ἐψιλόν, ou ἰῶτα Ep  
 An Nc ε ou ι a palavra Eg || 26 A palavra Ep Nc : om. An Eg | νῦ posso Ep  
 Nc : νῦ de mais se póde An : ν lhe deverei Eg

## CAPÍTULO SEGUNDO

### DAS PALAVRAS

(p. 25)

#### Regra I

Declinação dos artigos.

No Singular.

*Se c'os Dativos o Ablativo vai,*

*Ὅ, τοῦ, τῷ, τόν aos Masculinos dai.*

*Que Neutros sam τό, τοῦ, τῷ, τό he claro,*

*Mas Femininos ἡ, τῆς, τῇ, τήν declaro.*

30

No Dual.

*No Dual, τά mais τᾶν Feminino indicam.*

*E para os outros dois, τῶ com τοῖν ficam,*

(p. 26)

No Plural.

*No Plural οἱ, τῶν, τοῖς, τοὺς Masculinos*

*Veremos; e αἱ, τῶν, ταῖς, τάς Femininos.*

*Porem o Neutro entre elles s'achará*

*Com estes quatro assim τά, τῶν, τοῖς, τᾶ.*

35

(p. 27)

#### Regra II

Forma geral para Declinação dos Parissylabos.

*Todo o Nome, que sempre igual s'achar*

*Como o Artigo se deve declinar.*

*Plica o Dativo tem. O acuzativo*

*Em ν, vogal toma ao Nominativo.*

40

(p. 29)

#### Regra III

Dos femininos em α, ε η, dos quais fazem os Grammaticos  
a Segunda Declinação Simples.

*A, H, como o feminino seu proseguem,*

*E accusativo em αν, ην, da Regra seguem,*

*Mas se α puro os acaba, ou ΔΑ, ΘΑ, ΡΑ,*

*Em todo o singular se guarda o α.*

- (p. 31) **Regra IV**  
Dos Masculinos em *AΣ* e *HΣ*, de que os Grammaticos fazem a primeira Declinação Simples.
- AΣ* e *ης*, em *ου* terâm o Genitivo 45  
*E o σίγμα ham de perder no Vocativo;*  
*No demais ας, ήμέρα seguiram,*  
*E finalmente ης, τιμή imitaram.*
- (p. 32) **Regra V**  
Dos Nomes em *ης*, que fazem o Vocativo em *α*.
- Tem o Vocativo α todo o Nome em πης,* 50  
*Os de Naçoins; Poeticos em πης,*  
*E trez verbais, que logo se dirâm.*  
*Mas em η, ou em α, ΣΤΗΣ o terâm.*
- (p. 36) **Regra VI**  
Dos Nomes em *ος*.
- Todo o Nome em ος segue o Masculino*  
*E faz Vocativo ε, como o Latino.*
- (p. 37) **Regra VII**  
Dos Nomes acabados em *ου*.
- Oυ c'ο seu Neutro Artigo vam em fim* 55  
*Seis vezes semelhantes ao Latim.*
- (p. 38) **Regra VIII**  
Da Declinação Attica, a que os Grammaticos chamaõ quarta Declinação Simples
- Toda a vogal, que em ος e ου for achada,*  
*Em ώμέγα pello Attico he mudada,*  
*Escrevendo ἰώτα embaixo, quando o há;*  
*E sempre o seu Vo... como o No... será.* 60

---

54 Vocativo Ep Nc : vocativo em An || 55 c'ο Ep Nc : com An || 56 Seis...  
latim Ep Nc : Com tres casos irmãos comó Latim An

(p. 42)

**Regra IX**

Terminações desta Declinação.

*Finais de Imparissyllabos nove há:*

Nû, ρῶ, ξῆτα, ψῖ, σίγμα, ω, υ, ι, α.

*O singular em ος, ι, α, crescendo,*

*E em ε e οιν, o Dual hiremos vendo,*

*Que o Plural em ες, ων, σι, ας descança.*

*S'em tudo a Contracção não faz mudança.*

65

(p. 44)

**Regra X**

Do vocativo.

*Ordinariamente ao nominativo,*

*Acho que he semelhante o Vocativo.*

*Com tudo ás vezes observar se-deve,*

*Que perde o σίγμα, ou toma hum νῦ ou breve.*

70

(p. 48)

**Regra XI**

Dos Nomes que fazem o seo Accusativo em ν.

*O Accusativo ν he bem seguro*

*Nos em ις, υς, αυς, ους, que tem ος puro.*

(p. 49)

**Regra XII**

Do Dativo do Plural.

*O Dativo do Plural hum Σίγμα o faz,*

*Mas νῦ, ταῦ, δέλτα e θῆτα tirarás;*

*E se ε ou ο, na penultima estam,*

*Hum Dithongo com ι ou υ faram.*

75

---

62 ξῆτα Ep : ξῖ An Nc || 64 E em Ep : E An Em Nc | ε e οιν, o Dual Ep Nc dual em ε, e οιν An || 68 Acho que he Ep Nc : He muito An verás que é Eg || 70 σίγμα, ou toma um νῦ Ep An Nc : σ, toma ν Eg || 71 Accusativo Ep An Nc : accusativo em Eg || 72 ις, υς Ep Nc Eg : αυς, ις An | αυς, ους Ep Nc : ους, υς An αυς e ους Eg | tem Ep An Eg : tem o genitivo em Nc || 74 e θῆτα Ep Eg Nc : θῆτα An || 75 E se... estam Ep Eg Nc : De αντι (final Singul.) ασι verás An || 76 Hum... faram Ep Eg Nc : Εντι ν'εισι; οντι ν'ουσι mudarás An

(p. 50)

**Regra XIII**

Dativo de outros 3. generos de Nomes.

*Nos Nomes de Dithongo, ou ξῖτα, ou ψῖ,  
Basta para o Dativo pôr-lhe hum ι.  
Mas os em ηρ, que forem syncopados,  
D'hum ασι devem ser acrescentados.*

80

(p. 52)

**Regra XIV**

Que he geral para a Contração dos Imparissyllabos.

*No primeiro Dativo há contraççam,  
E ao Plural nos trez cazos, qu'irmaons sam;  
S'ἔψιλόν for penultima, ει produz;  
S'ι, ι só; d'εε e εα, ο ἦτα se deduz.*

(p. 54)

**Regra XV**

Dos Nomes em ης, e dos Neutros em ες, e em ος,  
de que os Grammaticos fazem a  
primeira dos Contractos.

*Todo o ης, e mais ος e ες, que Neutros sam, 85  
Tem nos trez Genitivos contraççam.  
D'εος se contrahe ους no Singular;  
E ἔψιλόν, d'έοιν e έων debes tirar.*

(p. 56)

**Regra XVI**

Dos Femininos em ως, e em ω, de que os Grammaticos  
fazem a 4ª. dos Contractos.

*Os Nomes Femininos em ως e ω.  
Contrahe no Singular por οῦς, οἶ e ὠ,  
C'o Vocativo em οί; e os dois Pluraes  
Do Artigo Masculino ambos extrahes.*

90

---

77 Nos... ou ξῖ(τα), ou ψῖ **Ep An Nc** : ξῖ scripserunt **An Nc** Os nomes acabados em σ precedido de diphthongo, / E os que acabarem em ξ ou ψ **Eg** ||  
78 Basta...hum ι **Ep An Nc**: Formam o dativo accrescentando ι ao nominativo **Eg** ||  
80 D'hum... acrescentados **Ep An Nc**: Formam-no do genitivo mudando ος em ασι **Eg** || 85 ος e ες **Ep** : ες e ης **Nc**

(p. 57)

### Regra XVII

Neutros em *ας* puro e em *ρας*, de que os Grammaticos fazem a 5ª. Declinação dos Contractos.

*Contrahe os Nomes em ρας, ou puro ας,  
Tirando o ταῦ; os Gen... por ω farás,  
E os mais cazos por α; mas se ἴωτα vem 95  
Somente escrito em baixo, lugar tem.*

(p. 60)

### Regra XVIII

Adjectivos de trez Terminaçõins.

*O Adjectivo em puro ος, e em ρος tambem,  
α por Fêmeo, e ον por Neutro tem;  
Todos os mais em ος, ο η e ον abraçam,  
Mas os em ας; αινα, αν justo he que façam. 100  
υς faz εια, υ; εις, εσσα, εν terá,  
ως, υἱα, ος; e em fim ην, εινα e εν dá.*

(p. 62)

### Regra XIX

Adjectivos de duas Terminaçõins.

*Ao Neutro dos Biformes breve toca:  
Perdem σίγμα, ις e υς; e em ν, ους o troca.*

(p. 65)

### Regra XX

Dos Comparativos, e Superlativos.

*Comparam τρος; τatos tudo excedem; 105  
E sem Regra, ἴων mais ιστος procedem.*

---

94 ταῦ Ep : τ Nc | gen... Ep : genitivos Nc || 97 em ρος Ep Nc : ρος AN || 98 femineo Ep An Nc : feminino Eg || 99 Todos os mais Ep An Nc : Os demais Eg | ο η e ον Ep Nc : η, ον An todos η, ον Eg || 100 Mas os Ep An Nc : Os Eg || 101 εις, εσσα Ep An Nc : ην-εινα Eg | εν Ep Eg Nc : ου εἶσα εν An || 102 e em fim ην, εινα Ep An Nc : εις-εσσα Eg | e εν Ep Nc : εν An Eg || 104 σίγμα Ep Nc : ο σίγμα An | ις e υς Ep An : υς e υς Nc || 105 Comparam Ep An Nc : Compara Eg | τatos Ep An Nc : e τatos Eg | excedem Ep An Nc : excede Eg || 106 E sem Ep An Nc : E sem Eg | procedem Ep An Nc | procede Eg

**CAPÍTULO TERCEIRO**

*DAS VERBOS EM Ω E CIRCUNFLEXOS*

- (p. 88) **Regra I**  
Tempos que tem a *Figurativa* do Presente.  
*A Letra que o Presente figurar,  
Sempre deve o Imperfeito regular,  
Futuro e Aoristo, que segundos sam,  
C'o Perfeito e Plusquam, que mediarâm.* 110
- (p. 89) **Regra II**  
Figurativas dos outros Tempos.  
*Os Futuros primeiros configuram  
Os Aoristos que o sam, e aos Medios duram:  
E em cada hum destes Verbos o Perfeito  
Tem outro tanto ao Plusquam sempre feito.*
- (p. 90) **Regra III**  
Termonaçoins dos Modos do Verbo Activo.  
*Ω, ον, α, ειν, termina o Indicativo: 115  
Firme he ω, por ω e ἦτα ao Subjuntivo;  
Quem dezejar, dirá οιμι, αιμι;  
Imperar por τω em ε e ον já vi:  
Que s' ειν, αι, e ειναι Infinitos sam;  
Somente ων, ας, ως Participios dam.* 120
- (p. 93) **Regra IV**  
Da terceira Pessoa do Plural.  
*Na ultima do Plural hum σι termina  
Todo ω, mais o Perfeito: ον, à ον destina.  
Nos mais, em εν ou σαν a formarás,  
Da primeira ou terceira que acharás.*
- (p. 99) **Regra V**  
Do Incremento Syllabico.  
*Quando o Verbo em Consoante começar, 125  
Ἐψιλόν o Imperfeito há d'aumentar;*

*No Perfeito a primeira dobrará,  
(Mas em Tenue a Aspirada trocarás).  
E no Plusquam do Indicante somente  
Outro ἐψιλόν demais se lhe acrecente.* 130

(p. 101)

**Regra VI**

Quando basta o Incremento ε no Perfeito.

*Aos Verbos que por ῥω começarâm,  
Por Duples, ou Consoantes que nam sam,  
Muda e liquida, hum ἐψιλόν somente  
No seu Tempo perfeito s'acrecente.*

(p. 102)

**Regra VII**

Verbos que podem dobrar ou não no Pret. Perfeito.

*O Verbo todo que por Γν começa, 135  
De dobrar no Perfeito se despeça,  
Mas os que em κτ, πτ, μν principio tem,  
E em alguns outros, dobrar ou nam convem.*

(p. 103)

**Regra VIII**

Do Aumento temporal dos Verbos.

*D'α, ε, ο, farás ἦτα e ὠμέγα longos;  
Nos trez αῖ, αῦ, οῖ Dithongos, 140  
I (nam υ) sosscreve, e muda as vogais,  
Que sempre durarâm Aumentos tais.  
Todo <o> outro Dithongo ou Vogal que venha,  
Sempre no mesmo estado se-mantenha.*

(p. 105)

**Regra IX**

Quatro Verbos que conservaõ o α, e outros  
que mudaõ o ε em hum Dithongo.

*Nestes quatro, o ἄλφα sempre conservai, 145  
ἄω, αῖω, ἀηθέσσω, ἀηδίζομαι.*

---

**129** do Indicante **Ep** : d'Indicante **An** do indicativo **Nc** || **132** duples **Ep An** :  
dupleas **Nc** || **139** ἦτα e ὠμέγα **Ep** : ἦτα, ὠμέγα **An** : η e ω **Nc** || **143** o add. **An**  
**Nc** || **145** Nestes **Ep Nc** : Mas em **An** | o ἄλφα **Ep** : α **An** o α **Nc**

*Mas* ει d' ἐπιλόν, *vem nestoutros*, ἔω,  
 ἔχω, ἔλω, ἐρέω, ἔλκω, ἐλκέω,  
 ἐστήκω, ἐργάζομαι, ἔθω, ἐθίζω, ἐλκύω,  
 ἔπω, ἔπομαι, ἐλίσσω, ἐρύω, 150  
*Tambem* ἔρπω, ἐρπύζω, *mais* ἐάω,  
 ἔζω *com* ἔζομαι, *e emfim* ἐστιάω.

(p. 107)

### Regra X

Verbos que conservaõ o Dithongo *οι*.

*O Dithongo* οι *nos Verbos guardarás*  
*Que vem* d'οἶνος, d'οἰωνός, *e* d'οἴαξ.  
*E também nestes* οἶδομαι, οἰμάω, 155  
 οἰκουρέω, οἰμώζω, *mais* οἰστράω.

(p. 108)

### Regra XI

Dos Verbos compostos de preposiçõins.

*Depois da Prepoziçam vem o Aumento,*  
*Antes, em* δυς, α, *e outros que acrecento.*  
*Mas alguns fóra destes acharás,*  
*Onde Aumento antes e depois verás.* 160

(p. 109)

### Regra XII

Mudanças e Aumentos Atticos.

*O Attico sempre o* ε, ευ, ει *mudava*  
*Em* η, ηυ, η, *conforme a Regra oitava;*  
*Με e λε fazia* ει; ο ἦτα *rezolvia,*  
*E ε, do presente animado, metia.*

---

147 *Mas* Ep Nc : *Também* An | d'ἐπιλόν Ep An : *de* ε Nc | *vem nest'*  
*outros, ἔω* Ep Nc : *em vint'observai* An (condensat vv. 147-152) || 153 *O Dithongo*  
*οι* Ep Nc : *E o diphthong' οι* An || 154 d'οἰωνός Ep An : οἰωνός Nc || 155-156  
 om. An || 158 α Ep An : *e* α Nc || 161 ευ, ει Ep An Rd : ει, ευ Nc || 162 ηυ,  
 η Ep An Rd : η Nc | *conforme a Regra* Ep An : om Rd Nc | *oitava* Ep : *dava* Na  
 om. Rd Nc || 163 ο ἦτα Ep Rd Nc : ἦτα An || 164 *E... metia* Ep Rd Nc :  
*Aspirad'hum ε acrescer fazia* An

(p. 111) **Regra XIII**  
Do Incremento Jonico.  
*Dobrado he todo o Jonico Aoristo 165*  
*E Futuro, como ao Perfeito; e disto*  
*Unicamente, o Plusquam se aproveita,*  
*Poisque no Incremento ἐψιλόν enjeita.*

(p. 113) **Regra XIV**  
Terminações do Dual.  
*A primeira Pessoa só se-há visto 170*  
*Na Passiva, excepto hum e outro Aoristo.*  
*De vos e delles explica o conceito,*  
*Por dois τον, o Activo ὠμέγα, e o Perfeito,*  
*Posto que os outros τον, e την admitam.*  
*Os Passivos por θήτα tudo imitam,*  
*C'o seo μέθον. A Tenue aspirar-se-há,, 175*  
*Ante o ταῦ; mas se he puro, σίγμα dá.*

(p. 118) **Regra XV**  
Formação do Futuro primeiro.  
Os Futuros acabam sempre em σω,  
Porem βω, πω, φω, πτω, sempre faz ψω:  
Γω, κω, χω, κτω, em ξω terminarâm,  
E ás vezes ττω, σσω, ζω, com elles vam. 180

(p. 119) **Regra XVI**  
Excéção dos Verbos que tem *immutavel* antes do ω.  
*Porem os que em λω, μω, νω, ρω terminam,*  
*Ao final do Presente bem se-inclinam;*  
*Pois só no Circumflexo o tem diferente,*  
*E podendo, se encurta a antecedente.*

---

178 φω Ep An Rd : om. Nc || 179 κω Ep An Rd : om. Nc || 180  
ττω, σσω, ζω Ep An Nc : ζω, σσω, ττω Rd || 184 se encurta a Ep Rd Nc :  
abrevia An

- (p. 121) **Regra XVII**  
 Formação do Aoristo primeiro.  
*O Futuro primeiro, que he Activo, 185*  
*Do Aoristo primeiro he formativo;*  
*O ὀμέγα muda em ἄλφα n'um momento,*  
*E toma aos Imperfeitos o Incremento.*
- (p. 123) **Regra XVIII**  
 Excêção da Penultima do Aoristo 1º.  
*Do Aoristo a penultima longa he:*  
*Por isso hum ι ajunta ao Futuro ε, 190*  
*Como aos Verbos em λω, μω, νω, ρω faz;*  
*Mas sempre o Attico em hétas muda os a a<sup>s</sup>.*
- (p. 124) **Regra XIX**  
 Formação do Futuro segundo.  
*O outro Futuro segue o seo Presente,*  
*Tem circumflexo, e só breve consente*  
*Na penultima; pois apartará 195*  
*Consoantes: E e O longos muda em α,*  
*Com αι, αυ e ε (dissyllabo somente*  
*Com liquida), sem que mudalo intente*  
*Em λέγω, φλέγω, βλέπω; mas com tudo*  
*Nos dithongos ει, ευ ficará mudo. 200*
- (p. 128) **Regra XX**  
 Quando a penultima do Fut. 2. he longa por pozição  
 Mas quando, antes da que figûra, está  
 Outra Consoante, entam longa será  
 A penultima; com tudo ζω, σσω,  
 Costumam dissolver-se por δω, γω.

---

187 ὀμέγα Ep Rd : ω Nc || 190 ι Ep An Nc : ἰῶτα Rd || 191 em λω Ep An Rd : λω Nc || 192 hétas Ep : ηη An ητας Rd etas Nc | a a<sup>s</sup> Ep : αα An α<sup>s</sup> Rd as Nc || 196 E e O Ep Nc : η e ω An Rd | longos Ep An Nc : longas Rd | α Ep An Rd : α Nc || 197 e ε Ep An Nc : ε Rd || 199 λέγω, φλέγω, (e) βλέπω Ep Rd Nc : βλέπω, λέγω, φλέγω An | e add. Nc

- (p. 129) **Regra XXI**  
Formaçãõ do Aoristo segundo.  
*Quanto ao final e augmento, sempre he feito* 205  
*O aoristo segundo do Imperfeito;*  
*Mas a penultima e Figurativa,*  
*Do segundo Futuro he que a deriva.*
- (p. 130) **Regra XXII**  
Terminaçãõ e Figurativa do Perfeito.  
*Quazi sempre o Perfeito acaba em κα,*  
*Mas s'õ Futuro he ψω, ξω, faz φα, χα.* 210
- (p. 131) **Regra XXIII**  
Penultima do Perfeito.  
*Do Futuro a penultima se passa*  
*Para o Perfeito, qu' <α> pello ε abraça*  
*Nos dissyllabos, que há de λω, νω, ρω;*  
*Troca-se em γάμμα, o νû dos Verbos νω,*  
*Mas o Verbo dissyllabo o suprime,* 215  
*Se o final είνω, ίνω, ύνω exprime:*  
*Em fim μû constante he; e hum ἦτα tenha,*  
*Posto que no Futuro o ἐψιλόν venha.*
- (p. 133) **Regra XXIV**  
Quando a penultima do Perfeito he o ο, e naõ ε.  
*O Attico ao Perfeito ο pelo ε terá,*  
*Se he dissyllabo o Verbo, e elle φα, χα.* 220
- (p. 133) **Regra XXV**  
Formaçãõ do mais que perfeito.  
*Todo o Plusquam do seu Perfeito vem:*  
*Faz ειν de α, e talvez reaumento tem.*

---

212 ο habet Ep : α corr. An Rd Nc (cf. Abregé, 98; Méthode, 160) || 214  
γάμμα ο νû Ep Na : γ ο ν Rd Nc || 218 ο ἐψιλόν Ep Nc : ἐψιλόν An Rd

- (p. 135) **Regra XXVI**  
Formaçã do Subjuntivo.  
*O Indicativo he guia ao Subjuntivo,  
Se alongo as breves, plico o ι, d'v o privo.  
E nesta ideia nam me imaginarei,  
Se por molde o Prezente escolherei.* 225
- (p. 138) **Regra XXVII**  
Conjugaçã do Optativo, com seos Dialectos.  
*No Optativo a penultima he dithongo:  
E assim por οι Barytonos alongo.  
At dois Aoristos seus tem, mas darei  
Aos Passivos e Eolicos hum ει.  
O Circumflexo emfim mostra somente  
Que hum Futuro do Aoristo he difrente.* 230
- (p. 141) **Regra XXVIII**  
Conjugaçã do Imperativo, e seos Dialectos.  
*Fala sempre em Futuro o Imperativo;  
E... ντω Attico tem de hum Genitivo.  
Na Beocia e Syracusia ον bem aceito  
Foi sempre, e o redobro do Perfeito.* 235
- (p. 143) **Regra XXIX**  
Conjugaçã do Infinitivo, com seos Dialectos.  
*O infinitivo todo o Tempo exprime:  
ἐφιλόν muda o Dorico, e ι suprime;  
O Poeta ajunta hum με; o Attico hum αι;  
E sem Circumflexo, o Jonico vai.* 240
- (p. 145) **Regra XXX**  
Dos Participios, e seos Dialectos.  
*O Participio Neutro e Masculino  
Segue os Impares; mas o Feminino,  
Entre os Doricos, hum οισα o termina,  
E sempre o Parissyllabo o declina.*

- (p. 148) **Regra XXXI**  
Dos Verbos Passivos, e suas Terminaçõins.
- Penultima, Aumento, e figurativa* 245  
*Todo o Verbo conserva na Passiva.*  
*O Presente e o Futuro acaba em μαι,*  
*Perfeito e Subjuntivo co'elles vai.*  
*Mas o Optativo, o Plusquam e Imperfeito*  
*O seo final em μην sempre tem feito.* 250
- (p. 149) **Regra XXXII**  
Terminaçõins das outras Pessoas do Verbo Passivo.
- De μαι, temos σαι, ται: de μην, σο, το;*  
*Mas Consoante ás segundas tira o Jo...*  
*As quais tambem os Atticos contrahem.*  
*Firmes sam θα, σθε: trez de ται e το sahem;*  
*Mas aspire-se a tenue fortemente,* 255  
*E a seista em fim por hum so νύ se aumente.*
- (p. 151) **Regra XXXIII**  
Dos Aoristos Passivos.
- Todo o Aoristo primeiro he aspirado:*  
*Aos dois do Indicativo he θην e ην dado*  
*E aos mais ω, είνην, ηθη, ήναι, εις.*  
*Mas todos elles μι seguir vereis.* 260
- (p. 155) **Regra XXIV**  
Formaçã dos Futuros Passivos.
- O primeiro Futuro heθήσομαι;*  
*O de ψω, ξω, por φί, mais por χί vai;*  
*A mudança das Liquidas abraça,*  
*E já se encurta, já sem σίγμα passa.*  
*Os Futuros segundos, ao contrario,* 265  
*O final ήσομαι nunca tem vario.*

---

262 mais Ep Rd Nc : mas An || 264 E já Ep An Nc : Já Rd | se encurta  
Ep Rd Nc : s' abrevia An || 265 Os Futuros segundos Ep An Nc : O futuro  
segundo Rd

- (p. 157) **Regra XXXV**  
Formação dos Aoristos Passivos do Indicativo.  
*Ambos aoristos θην e ην da Passiva,  
(Que o Aumento terem da sua Activa),  
Melhor pelos Futuros se conduzem;  
Sem que talvez o Eolico ε recuzem.* 270
- (p. 159) **Regra XXXVI**  
Do Preterito Perfeito da Passiva.  
*Κα faz μαι; mas φα, γκα por μὺ devolve,  
Χα por γάμμα; τω, δω, θω, σίγμα involve,  
Que indifrente he no puro ω; εὔ perde ε;  
Ρε dá ρα; ταῦ não puro sem seista he.*
- (p. 162) **Regra XXXVII**  
Do Mais-que-perfeito, e do Paulo-post-Futuro.  
*Tudo imita ao Perfeito, o Plusquam só; 275  
Excéto o Aumento; ε μαι ser μην; αι, ο;  
Mas da segunda o Paulo-post formai,  
Que aumenta sempre; e tem ομαι, η, εται.*
- (p. 163) **Regra XXXVIII**  
Da terceira do Plural, segundo os Jonios.  
*Por νὺ ο α mete o Jonio no Optativo,  
No Presente, Imp. Perf. Plus. do Indicativo; 280  
Mas nestes S faz th, d; tenue aspira;  
Longa encurta; e ós dithongos huma tira.*
- (p. 165) **Regra XXXIX**  
Formação do Subjuntivo Passivo.  
*Faz como o outro Presente o Subjuntivo;  
Porem longa uza, e η tem muito extensivo.  
Aoristos, os da Activa sam expressos; 285  
Primeiro com θῆτα, e ambos Circumflexos.  
O passado difere do Presente  
No aumento e...flexo; se α, η, ι, υ consente.*

- (p. 168)                    **Regra XL**  
Formaçã do Optativo.  
*O Optativo os Dithongos formarã,*  
*E ao Preterito há Circumlocuçam:*                    290  
*Se excétuas de hum Aoristo a segunda,*  
*Syncope no Plural de ημεν se-funda.*
- (p. 171)                    **Regra XLI**  
Do Imperativo da Passiva.  
*O Imperativo acaba em ου e em θω;*  
*Os Aoristos em θι; Perfeito em ο;*  
*Mas do Plusquam primeiro este he que sahe,*                    295  
*Depois que da segunda o Aumento extrahe.*
- (p. 175)                    **Regra XLII**  
Propriedades deste Verbo (médio).  
*Entre a Passiva, amphibio o Medio, e Activa;*  
*Tem Presente e Imperfeito da Passiva,*  
*Mas o Perfeito, e Plusquam Activos faz.*  
*Co'uzo as mais circumstancias aprendrás.*                    300
- (p. 178)                    **Regra XLIII**  
Formaçã dos Futuros e Aoristos Medios.  
*Os futuros ομαι, mais οῦμαι sam,*  
*E os Aoristos por άμην e όμην vam;*  
*Nestes d'ω puro, syncope haver pode,*  
*E a todos o Activo he quem sempre acode.*
- (p. 180)                    **Regra XLIV**  
Formaçã do Preterito perfeito Medio.  
*Sempre no Perfeito he Figurativa*                    305  
*A do segundo Futuro da Activa;*  
*Conserva-se a penultima: mas η*  
*Tem κλάζω e θάλλω; e o d'αι plicado he;*

---

308 e o d'αι Ep Ne : dithong' ai An

*O dissyllabo o vem de ε; mas οι de ει,  
E εἴω..., ὄρου..., ἔρρω..., μεμο... em fim farei.* 310

(p. 187)

**Regra XLV**

Dos Verbos em *έω*, de que os Grammaticos fazem a primeira dos Circumflexos.

*Se o Verbo acaba em έω, faz ει de εε,  
E ου de εο. No mais, só retira o ε.*

(p. 187-8)

**Regra XLVI**

Dos Verbos em *άω*, de que os Grammaticos fazem a segunda dos Circumflexos.

*Qualquer o no Verbo άω, ώμέγα dá,  
E toda a mais Contracçam faz-se em α;  
ἰώτα se plica sempre em toda a parte;  
E emfim totalmente ὑψιλόν se aparte.* 315

(p. 188)

**Regra XLVII**

Dos Verbos em *όω*, de que os Grammaticos fazem a terceira dos Circumflexos

*Sempre todo o Verbo όω em ου mudou,  
Se ο ὀμικρόν seguido he de breve, ou de ου;  
Mas ώμέγα tem, se he longa a que o segue;  
Dithongo d' ἰώτα, οἰ dá; όειν, οἶν consegue.* 320

(p. 192)

**Regra XLVIII**

Da contracção Dorica, e outras Particularidades dos Circumflexos Activos.

*Sempre o Dorico d'αε, ἦτα fez;  
Toma o Subjuntivo η, e ω como vêz;  
Mas o Attico Optativo ην tem por μι;  
E tira o Infinitivo primeiro ο ι.*

---

**310** *E... farei* **Ep Nc** : *S'este no Futur. primo conservei* **An** || **314** *E toda* **Ep Nc** : *Toda* **An** | *faz-se* **Ep An** : *se faz* **Nc** || **318** *de breve* **Ep An** : *breve* **Nc**

(p. 194)

**Regra XLIX**

Da penultima do Futuro primeiro e Preterito  
Perfeito dos Circumflexos

*Longa a breve he no Passado e Futuro, 325*  
*(Exceto cazos seis) antes de ω puro.*  
*No demais, se a seguinte Regra tiras,*  
*Nada particular nelles admiras.*

**Regra L**

Futuros e Aoristos segundos, e Preterito  
Medio dos Circumflexos.

*Sem segundo Futuro e Aoristo passe*  
*O Verbo óω, e sem quem delles nace. 330*  
*Mas άω e έω raramente os formam*  
*Do seu Prezente, ao qual bem se conformam.*

**CAPÍTULO QUARTO**

DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS EM μι.

(p. 203)

**Regra I**

Noçoins gerais desta Conjugação.

*Por Jonio estilo, nace o Verbo μι*  
*De ω puro. E por tenue redobra o ι.*  
*Mas sem ella ante o πτ, στ e as vogais 335*  
*Alonga α, ε, ο, (nam nos dois plurais)*  
*Mas fique υ. E o Aoristo Passivo he*  
*Sua norma (excepto hum σι) por ης e η.*

(p. 209)

**Regra II**

Formação do Imperfeito.

*De μι faz o imperfeito n, s, e nada;*  
*E a primeira he (se ser pode) aumentada. 340*

---

**326** cazos seis, antes de **Ep** : alguns Verbos destes d' **An** | post puro duos uersus om. **An** || **331** os **Ep Nc** : o **An** || **337** Mas... he **Ep Nc** : Ficando o ύψιλόν sem se mudar **An** || **338** Sua...e η **Ep Nc** : E só será longo no singular **An**

*Mas do seu Circumflexo he mui frequente  
O Imperfeito, que o Verbo μι consente.*

(p. 211)

**Regra III**

Formação do Aoristo segundo.

*Só no Imperfeito sem redobro fundo  
Geralmente o Aoristo, que he segundo;  
Exceto ἔδων, ἦν, ἔθην e os compostos,  
Todos a guardar longa estam dispostos.*

345

(p. 213)

**Regra IV**

Formação do Subjuntivo.

*Sempre o Subjuntivo he em ω; mas deve  
Seguir as proprias longas: e ι soscreve.  
Do Imperfeito o Aoristo seu formando,  
ἄλφα em ἦτα plicado, hirá mudando.*

350

(p. 215-6)

**Regra V**

Formação do Aoristo segundo.

*Com ἰῶτα e breve propria n'um dithongo  
Do Optativo as penultimas alongo;  
Que Attico Circumflexo he reputado:  
E pode o ἦτα ao Plural ser syncopado.*

(p. 217)

**Regra VI**

Formação do Imperativo.

*O Imperativo em θι conserva a breve;  
Mas tirando-lhe o θι, longa ter deve:  
A mesma o Poeta e Eolico notam;  
E os Circumflexos bem vezes se-adoptam.*

355

---

345 Exceto Ep Nc : E excepto An

- (p. 218) **Regra VII**  
Formaçã do Imperativo.  
*Os Aoristos redobro nunca tem;*  
*ΕΣ de εω, breve abraça: δός tambem.* 360  
*Porem os outros nacam do Presente,*  
*Com a longa e θι final constantemente.*
- (p. 219) **Regra VIII**  
Do Infinitivo.  
*O infinivo tem breve, e acaba em ναι,*  
*Ου dithongo ao segundo Aoristo dai*  
*De δίδωμι; mas de έω, ει derivo:* 365  
*E aos outros, longa dou do Imperativo.*
- (p. 219) **Regra IX**  
Dos Participios.  
*Os Participios sam εις, ας, ους, υς:*  
*Segundo Aoristo, simples se deduz.*
- (p. 220) **Regra X**  
Formaçã geral do Passivo.  
*De μι faz μαι, e breve ama o Passivo,*  
*(Da qual dithongo forma no Optativo):* 370  
*σαι ου σο, na segunda adoptará,*  
*E as mais como os Barytonos fará;*  
*Mas segue o Subjunctivo ao seo Activo:*  
*E em σο acabará o Imperativo.*
- (p. 225) **Regra XI**  
Particularidades do Aoristo primeiro, do Perfeito,  
e do Participio correspondente.  
*Κα por σα trez Aoristos nam recuzam,* 375  
*Ἔθηκα, ἦκα, ἔδωκα, que aqui só se uzam:*  
*E e a dão εικα, e ακα no Perfeito,*  
*E έστώς no Participio de έσταα aceito.*

---

370 post *Optativo* quattuor uersus om. **An**

- (p. 227) **Regra XII**  
Do Futuro e Aoristo primeiros; e do Pret. perf.  
*Do Futuro o final he θήσομαι,  
E antes delle huma breve sempre vai. 380  
Θην e Aumento o Aoristo determina,  
E o Perfeito por breve em μαι termina.*
- (p. 235) **Regra XIII**  
Prezente do Verbo εἰμί (sum, es, fui).  
*D' ἔω, εἰμί vem, sem que ε mudar intente:  
Mas ι em eu, tu, e elles, se-acrecente,  
Fazendo εἰμί, εἶς (ou εἶ) mais ἐστί. 385  
E no Plural ἐσμέν, ἐστέ, εἰσί.*
- (p. 236) **Regra XIV**  
Conjugação do Imperfeito.  
*O Imperfeito em ἦν, ἦς, ἦ, ou ἦν vemos.  
E por irregular todos o temos,  
Pois ἦμεν no Plural, ἦτε e ἦσαν tem;  
E por tanto ἦν a trez Verbos convem. 390*
- (p. 238) **Regra XV**  
Conjugação do Verbo εἶμι (eo, is).  
*Εἶω de ἔω, os Poetas fabricáram,  
Donde outros ao depois εἶμι formáram,  
Qu' Aoristos, e Preteritos seus tem,  
E qu' iotas em qualquer Plural contem.*
- (p. 242) **Regra XVI**  
Formação de ἴημι, com espirito brando (vado).  
*D' ἔω com brando espirito derivo 395  
ἴημι, que he regular mui defectivo.*

- (p. 243) **Regra XVII**  
Formaçã de ἵημι, mitto em Latim.  
*Mas por aspero espirito se forma*  
*ἵημι, que de τίθημι segue a norma.*
- (p. 247) **Regra XVIII**  
Do Verbo ἵεμαι, concupisco.  
*Tambem outro ἵεμαι aspero se lê,*  
*Que unicamente em dois tempos se vê.* 400
- (p. 247) **Regra XIX**  
Conjugaçã do Verbo ἦμαι, sedeo.  
*Por ἦτα os Verbos Medios segue ἦμαι,*  
*Que ao Presente, ou passado ambiguo vai.*
- (p. 249) **Regra XX**  
Do Verbo εἶμαι, indutus fui.  
*D' ἔω mais hum Perfeito nace εἶμαι,*  
*Que se equívoca às vezes com εἶσμαι.*
- (p. 249) **Regra XXI**  
Conjugaçã do Verbo κείμαι, jaceo.  
*Κείμαι, do Verbo κέω formarei,* 405  
*Cujos tempos conservã sempre o εἰ.*
- (p. 250) **Regra XXII**  
Conjugaçã do Verbo ἴσημι.  
*Syncope às vezes tem o Verbo ἴσημι,*  
*Que nacendo de ἴσάω, segue ἴστημι.*  
*Porem na Media hum ταῦ demais tomando,*  
*Só difere no espirito, que he brando.* 410

---

409 ταῦ Ep : τ An Ne

(p. 252)

**Regra XXIII**

Do Verbo *φημί, dico.*

*De φάω, φημί vem, que ἵστημι segue;  
Ἔφην dá φῆν, e também ῆν prosegue.*

**2. Mnemónicas recriadas por António José Teixeira**

(vide *Rudimentos da Lingua Grega [R]*, Lisboa, 1788)

(p. 10)

***Diferença dos Nomes Contractos***

*εε, e εα faz η, mas com σ ει:  
De εος, ε οος, ους: de οα ω farei.  
ε com οιν e ων se perde; ι, ι dará.  
No patrio caso α, ω; nos mais faz α.*

415

(p. 12)

***Dos Adjectivos***

**I.**

*Os em ος puro, ou ρος, α, ον; porém  
Os neutros tem η, ον; ας, αινα, αν;  
Υς, εια, υ; εις, εσσα ou εισα, εν.*

**II.**

*Os biformes a breve ao neutro dão.  
Σίγμα perde ις, e υς; ους, ουν farão.*

420

(p. 24)

**Formação dos Tempos**

***Regras do augmento.***

**I.**

*O primeiro Imperfeito, o Plusquão, e Aoristos,  
Com hum de dous Augmentos serão vistos:  
E Syllabico Augmento lhes precede,  
Se consoante ao Verbo começar.  
Mas se vogal mudavel, esta cede  
Á respectiva longa o seu lugar;  
Αι em η, αυ em ηυ, οι n' ω mudado:  
E este he o Augmento Temporal chamado.*

425

(p. 25) **II.**  
*Outro qualquer dithongo, outra vogal,  
A todo o tempo dá principio igual.* 430

**III.**  
*O Augmento segue onde há composição,  
(Se separavel he) a Preposição.*

### Regras de Formação

#### *Voz Activa*

**I.**  
Preterito Imperfeito

*Do Presente o Imperfeito ω muda em ov.*

(p. 26) **II.**  
Futuro I  
*Do Thema a ω final σ anteposto.* 435  
*(Γ, δ, θ precedente extincto)*  
*O primeiro futuro tens composto.*

*Λω, μω, νο, ρω, λῶ, μῶ, νῶ, ρῶ terão;  
Breve sempre a penultima farão.*

**III.**  
Aoristo I

*Do primeiro futuro ω muda em α;* 440  
*E a penultima sempre alongará.*

(p. 27) **III.**  
Fut. II e Aor. II  
*O Futuro segundo, qual Presente  
Será; mas no fim ama o circumflexo;  
Abbrevia a penultima, ou largando  
A consoante segunda, ou a tomando* 445  
*Por ε, η, ω, αι, αυ; e não querendo  
ε de ει, de ευ; nem de ου, υ pylon consente.*

	<i>Do Futuro segundo he sempre feito O outro Aoristo, o fim tendo do Imperfeito.</i>	
(p. 28)	<b>V.</b> O Preterito Perfeito	
	<i>Do Futuro primeiro he feito em κα; Em φα porém de ψω; de ξω em χα. E repete do Thema a consoante Do principio com ε psilon; porém Se ella he dobrada, he o ε bastante; Se vogal, do Imperfeito o augmento tem.</i>	450     455
	<i>Λω, νω, ρω, se dissillabos, em α Mudão ε do Futuro: e o ν, tendo antes ει, ι, υ, spira μω, μηκα terá.</i>	
(p. 29)	<b>VI.</b> Plusquam Perfeito	
	<i>Forma-se em ειν o Plusquam do Perfeito, A si tomando o augmento do Imperfeito.</i>	460
	<b>Voz Passiva</b>	
	<b>I.</b> Futuro I e II	
	<i>O Futuro primeiro Activo fórma O Passivo, ω em θήσομαι mudando; Mas ψ, ξ precedente se transforma Em φ, χ, Σ guarda, ou vai largando.</i>	
(p. 30)	<i>Ω puro; e após de liquida aqui toma Do Perfeito a penultima. Do Activo Faz-se o segundo, em ήσομαι Passivo.</i>	465
	<b>III.</b> Aoristo I e II	
	<i>Aos Aoristos θην, ην termina, havendo Dos Futuros formar-se, e ter o augmento.</i>	

---

458 *μκκα* habet **R**: *μηκα* correxi ego (cf. *Méthode de Grec*, p. 160)

**III.**

Preterito Perfeito

- (p. 31) *De* κα *Perfeito Activo, se faz* μαι 470  
*Com* σαι, ται *no Singular passivo.*
- Φα *dobra o* μ, *fazendo* μμαι, ψαι, πται;  
*Mas* χα *faz* γμαι, ξαι, κται. *E* δω, τω, θω  
*Σ antepõe; não sempre o puro* ω.
- Neste mesmo Preterito Passivo* 475  
*Em* ρα *se muda* ρε *não puro, Activo.*

**III.**

Plusquam perf. e Paulo post Fut.

- (p. 32) *Μαι do Perfeito em* μην *ao Plusquam fôrma;*  
*E* σαι *ao Paulo post mudado em* σομαι

**Voz Média**

**I.**

Presente, Imperf., Futuros, e Aoristos

- (p. 32) *Da voz Activa, a Média formarás;*  
*Ομαι de* ω *final grave; οὔμαι porém* 480  
*De* ω̂ *circunflexo: de* ον, όμην; *e* άμην,  
*De a final Aoristico farás.*

**II.**

Perfeito, e Plusquam

- (p. 45) *Perfeito, e Plusquam tem figurativa*  
*Do Futuro II.; o mais da Activa.*

**Das Partículas**

**Das Preposições Inseparaveis**

- (p. 45) *Δυσ mostra pena, augmento mostraráõ* 485  
*Ἄρι, ἐρί, βου, δα, ζα, λα, λι, βρι;*  
*Νε priva; mas* ά, νη, *varias serão.*

(p. 46)

**Propriedades da Lingua Grega**

***Na Concordancia***

**I.**

*Muita vez acompanha em genitivo,  
Ao seu Adjectivo, o Substantivo.*

**II.**

*Do seu Antecedente o caso toma,  
O Relativo em Attico idioma.*

490

**III.**

*No numero plural o Neutro nome  
Verbo no singular para si tome.*

(p. 47)

***Na Regencia***

***De Genitivo***

*Genitivo requer o Substantivo,  
Tambem o rege o Adverbio, e por elipse  
Superlativo, item Comparativo.*

495

*Assim tambem com Verbos se há de ver,  
Se mostram Admirar, e Defender,  
Excesso, Goso, e Pena, com Perdão,  
Dominio, Compra, Venda, Privação,  
Sentir (menos Ver), Desprezar, Cuidar,  
Principiar, Cessar, Participar.*

500

***De Accusativo***

*Accusativo rege o Verbo Agente,  
Entre os Atticos caso assás frequente;  
Mais hum cognato, ou de κατὰ regido,  
Será a qualquer Verbo concedido.*

505

***Do Verbo Passivo***

*Dativo caso tem todo o Passivo,  
Ou de πρὸς, ὑπὸ, παρὰ o genitivo.*

(p. 48)

**Caso Absoluto**

*Ser só pôde absoluto o genitivo,  
O accusativo ás vezes, e o dativo.* 510

**Do Artigo, do Pronome, do Adverbio, e do Infinitivo**

**I.**

*O mesmo uso, no Grego que no nosso  
Idioma, tem o Artigo; e no nosso  
Tambem digo: O Alexandre do Philippe;  
Como em Grego: Αλέξανδρος ὁ Φιλίππου,  
Por Alexandre, filho de Philippe.* 515

**II.**

*Articulo he com κατὰ, e semelhantes,  
Qual nome: οἱ κατὰ πλοῖον, navegantes.*

**III.**

*Articulo com μέν, com δὲ depois,  
Achamos ter lugar em divisõis.*

(p. 49)

**III.**

*Em lugar do pronome Possessivo,  
Verás o Primitivo em genitivo.* 520

**V.**

*Verás Neutro adjectivo feito Adverbio;  
Adverbio com Artigo, Adjectivo;  
Dous de negar Adverbios, mais negando.*

**VI.**

*Muita vez o Infinito he Mandativo.* 525

## ANEXO II

### *Correspondências entre as mnemónicas de Lancelot e de Magalhães\*\**

<i>Nouvelle Méthode</i>	<i>Abregé</i>	<i>Epítome</i>
<b>Livre I</b>	<b>Chapitre I</b>	<b>Capítulo I</b>
<b>I</b> (5)	<b>I</b> (17)	<b>I</b> (9)
<b>II</b> (7)	<b>II</b> (18)	<b>II</b> (10)
<b>III</b> (11)	<b>III</b> (19)	<b>III*</b> (11)
<b>IV</b> (14)	<b>IV</b> (20)	<b>IV</b> (12)
<b>V</b> (15)	<b>V</b> (20)	<b>V</b> (13)
<b>VI</b> (22)	<b>VI</b> (22)	<b>VI*</b> (15)
<b>VII</b> (25)	—	—
<b>VIII</b> (28)	<b>VII</b> (24)	<b>VII</b> (17)
<b>IX</b> (29)	—	—
<b>X</b> (30)	<b>VIII</b> (25)	<b>VIII</b> (19)
<b>Livre II</b>	<b>Chapitre II</b>	<b>Capítulo II</b>
<b>I</b> (50)	<b>I</b> (28)	<b>I</b> (25)
<b>II</b> (51)	<b>II</b> (29)	<b>II*</b> (27)
<b>III</b> (52)	<b>III</b> (31)	<b>III</b> (29)
<b>IV</b> (54)	<b>IV</b> (32)	<b>IV</b> (31)
<b>V</b> (55)	<b>V</b> (33)	<b>V</b> (32)
<b>VI</b> (56)	—	—
<b>VII</b> (58)	<b>VI</b> (34)	<b>VI*</b> (36)
<b>VIII</b> (59)	<b>VII</b> (35)	<b>VII*</b> (37)
<b>IX</b> (60)	<b>VIII</b> (36)	<b>VIII</b> (38)
<b>X</b> (63)	<b>IX</b> (37)	<b>IX</b> (42)
<b>XI</b> (64)	<b>X</b> (39)	<b>X</b> (44)
<b>XII</b> (73)	<b>XI</b> (40)	<b>XI</b> (48)
<b>XIII</b> (74)	<b>XII</b> (41)	<b>XII*</b> (49)
<b>XIV</b> (75)	<b>XIII</b> (42)	<b>XIII</b> (50)
<b>XV</b> (77)	<b>XIV</b> (43)	<b>XIV*</b> (52)
<b>XVI</b> (79)	<b>XV</b> (44)	<b>XV</b> (54)
<b>XVII</b> (82)	<b>XVI</b> (46)	<b>XVI</b> (56)
<b>XVIII</b> (82)	<b>XVII</b> (48)	<b>XVII*</b> (57)
<b>XVIII</b> (88) a)	<b>XVIII</b> (50)	<b>XVIII</b> (60)
<b>XIX</b> (89)	<b>XIX</b> (52)	<b>XIX*</b> (62)
<b>XX</b> (92)	<b>XX</b> (53)	<b>XX*</b> (65)

a) Lancelot na edição que seguimos (1753) repete a numeração.

\* Adaptação abreviada das regras de Lancelot.

\*\*A numeração entre parêntesis e em itálico diz respeito às páginas das gramáticas.

<i>Nouvelle Méthode</i>	<i>Abregé</i>	<i>Epítome</i>
Livre III	Chapitre III	Capítulo III
I (116)	I (66)	I (88)
II (117)	II (67)	II (89)
III (117)	III (68)	III (90)
IV (119)	IV (70)	IV* (93)
V (122)	V (74)	V* (99)
VI (123)	VI (76)	VI* (101)
VII (124)	VII (77)	VII (102)
VIII (125)	VIII (78)	VIII (103)
IX (127)	IX (79)	—
X (128)	—	} IX* (105)
XI (128)	X (80)	—
XII (129)	—	—
XIII (129)	XI (81)	X* (107)
XIV (131)	XII (82)	XI* (108)
XV (134)	XIII (84)	XII (109)
XVI (135)	XIV (85)	—
XVII (136)	—	—
XVIII (137)	—	—
XIX (137)	—	—
XX (138)	—	—
XXI (139)	—	XIII (111)
XXII (140)	XV (86)	XIV (113)
XXIII (143)	XVI (89)	XV (118)
XXIV (144)	XVII (90)	XVI (119)
XXV (146)	—	—
XXVI (146)	—	—
XXVII (148)	—	—
XXVIII (148)	—	—
XXIX (149)	XVIII (90)	XVII (121)
XXX (150)	XIX (91)	XVIII (123)
XXXI (151)	—	—
XXXII (152)	XX (92)	XIX* (124)
XXXIII (154)	XXI (93)	—
[XXXIV] (155)	—	} XX* (128)
XXXV (156)	XXII (96)	—
XXXVI (157)	XXIII (96)	XXI (129)
XXXVII (158)	—	— a)
XXXVIII (159)	XXIV (97)	XXII (130)

a) A regra XXXVII do *Méthode* aparece explicada nas notas da p. 130 de Magalhães.

\* Adaptação abreviada das regras de Lancelot.

<i>Nouvelle Méthode</i>	<i>Abregé</i>	<i>Epítome</i>
Livre III	Chapitre III	Capítulo III
XXXIX (160)	XXV (98)	XXXIII* (131)
XL (162)	XXVI (99)	XXIV a) (133)
XLI (162)	XXVII (100)	XXV (133)
XLII (163)	—	— b)
—	—	XXVI (135)
—	—	XXVII (138)
XLIII (167)	XXVIII (101)	— c)
XLIV (169)	—	XXVIII (141)
—	—	XXIX (143)
—	—	XXX (145)
XLVI (174)	XXIX (102)	XXXI** (148)
XLVII (175)	XXX (103)	} XXXII (149)
XLVIII (175)	XXXI (103)	
XLIX (176)	XXXII (105)	XXXIII (151)
L (180)	XXXIII (108)	—
LI (181)	—	—
LII (182)	XXXIV (108)	} XXXIV* (155)
LIII (185)	XXXV (110)	
LIV (185)	XXXVI (111)	} XXXV (157)
LV (186)	XXXVII (112)	
LVI (188)	XXXVIII (112)	XXXVI* (159)
LVII (189)	XXXIX (114)	—
LVIII (191)	XL (115)	—
LIX (192)	XLI (116)	—
LX (192)	XLII (117)	—
LXI (193)	—	XXXVIII* (163)
LXII (195)	XLIII (118)	} XXXVII* (162)
LXIII (196)	XLIV (118)	
—	—	XXXIX (165)
LXIV (199)	XLV (119)	XL (168)
—	—	XLI (171)

a) Magalhães altera o título da regra.

b) A regra XLII do *Méthode* aparece explicada na prosa da p. 134 de Magalhães.

c) A regra XLIII do *Méthode* aparece explicada nas notas da p. 140 de Magalhães.

\* Adaptação abreviada das regras de Lancelot.

\*\* Magalhães acrescenta mais dois versos à regra de Lancelot.

<i>Nouvelle Méthode</i>	<i>Abregé</i>	<i>Epítome</i>
<b>Livre III</b>	<b>Chapitre III</b>	<b>Capítulo III</b>
—	—	XLII (175)
LXV (208)	XLVI (123)	} XLIII* (178)
LXVI (209)	XLVII (123)	} XLIV* (180)
LXVII (210)	XLVIII (124)	
LXVIII (212)	XLIX (125)	—
LXIX (213)	—	XLV (187)
LXX (220)	L (128)	XLVI (187)
LXXI (220)	LI (128)	XLVII* (188)
LXXII (221)	LII (129)	} XLVIII (192)
LXXIII (225)	LIII (131)	
LXXIV (226)	LIV (133)	XLIX** (194)
LXXV (228)	LV (133)	L* (196)
LXXVI (229)	LVI (134)	
<b>Livre IV</b>	<b>Chapitre IV</b>	<b>Capítulo IV</b>
I (238)	I (139)	I* (203)
II (244)	II (143)	} II* (209)
III (246)	III (144)	
IV (247)	IV (145)	III (211)
V (249)	V (147)	IV (213)
VI (251)	VI (149)	V** (215)
VII (252)	VII (150)	VI (217)
VIII (254)	VIII (151)	VII (218)
IX (255)	IX (152)	VIII (219)
X (255)	X (153)	IX (219)
XI (256)	XI (153)	X (220)
XII (262)	XII (159)	} XI* (225)
XIII (263)	XIII (159)	
XIV (264)	XIV (160)	XII*** (227)
XV (265)	XV (162)	XIII (235)
XVI (270)	XVI (166)	XIV (236)
XVII (272)	XVII (167)	
XVIII (277)	XVIII (170)	} XV* (238)
XIX (278)	XIX (171)	

\* Adaptação abreviada das regras de Lancelot.

\*\* Magalhães acrescenta mais dois versos à regra de Lancelot.

\*\*\* Acrescenta à regra XV de Lancelot noções do Futuro 1.º e do aoristo 1.º.

<i>Nouvelle Méthode</i>	<i>Abregé</i>	<i>Epítome</i>
<b>Livre IV</b>	<b>Chapitre IV</b>	<b>Capítulo IV</b>
<b>XX</b> (281)	<b>XX</b> (174)	<b>XVI</b> (242)
<b>XXI</b> (282)	<b>XXI</b> (175)	<b>XVII</b> (243)
<b>XXII</b> (284)	—	—
<b>XXIII</b> (287)	<b>XXII</b> (179)	<b>XVIII</b> (247)
<b>XXIV</b> (287)	<b>XXIII</b> (179)	<b>XIX*</b> (247)
—	—	<b>XX</b> (249)
<b>XXV</b> (290)	<b>XXIV</b> (181)	<b>XXI</b> (249)
<b>XXVI</b> (291)	<b>XXV</b> (182)	} <b>XXII</b> (250)
<b>XXVII</b> (292)	<b>XXVI</b> (183)	
<b>XXVIII</b> (292)	<b>XXVII</b> (184)	} <b>XXIII</b> (252)

ANEXO III

*Correspondências entre as mnemónicas do Epítome de Magalhães e as de outras gramáticas dos séc.s XVIII e XIX*

1. Regras adoptadas com ligeiras alterações\*

EP (1760)	AN (1790)	RD (1850)	EL (1871)	NC (1874)
<b>Livro I</b>	<b>Apênd. 1-2</b>		<b>Livro I</b>	<b>pp. 491-2</b>
I	1. <sup>a</sup>	—	—	1. <sup>a</sup>
II	—	—	—	2. <sup>a</sup>
III	2. <sup>a</sup>	—	§ 5 (3)	3. <sup>a</sup>
IV	3. <sup>a</sup>	—	—	4. <sup>a</sup>
V	4. <sup>a</sup>	—	—	5. <sup>a</sup>
VI	—	—	—	6. <sup>a</sup>
VII	5. <sup>a</sup>	—	§ 10 (6)	7. <sup>a</sup>
VIII	6. <sup>a</sup>	—	§ 11 (7)	8. <sup>a</sup>
<b>Livro II</b>	<b>Apênd. 2-3</b>		<b>Livro II</b>	<b>pp. 492-4</b>
I	—	—	—	—
II	—	—	—	1. <sup>a</sup>
III	1. <sup>a</sup> (8)	—	—	2. <sup>a</sup>
IV	2. <sup>a</sup> (10)	—	—	3. <sup>a</sup>
V	—	—	—	4. <sup>a</sup>
VI	} 3. <sup>a</sup> (11)	—	—	5. <sup>a</sup>
VII		—	—	6. <sup>a</sup>
VIII	4. <sup>a</sup> (12-13)	—	—	7. <sup>a</sup>
IX	5. <sup>a</sup> (13-14)	—	—	8. <sup>a</sup>
X	6. <sup>a</sup> (14-15)	—	§ 48 II (12)	9. <sup>a</sup>
XI	7. <sup>a</sup> (15)	—	§ 48 III (13)	} 10. <sup>a</sup>
XII	8. <sup>a</sup> (15-16)	—	§ 48 IV (13)	
XIII	9. <sup>a</sup> (15-16)	—	§ 48 V (13)	} 11. <sup>a</sup>
XIV	—	—	—	
XV	—	—	—	15. <sup>a</sup>
XVI	—	—	—	16. <sup>a</sup>
XVII	—	—	—	17. <sup>a</sup>
XVIII	—	—	—	18. <sup>a</sup>
XVIII	10. <sup>a</sup> (21-22)	—	§ 22 (18)	12. <sup>a</sup>
XIX	11. <sup>a</sup> (26)	—	§ 23 (19)	13. <sup>a</sup>
XX	12. <sup>a</sup> (28)	—	§ 24 (19)	14. <sup>a</sup>

\* A numeração entre parêntesis e em itálico diz respeito às páginas das gramáticas.

EP (1760)	AN (1790)	RD (1850)	EL (1871)	NC (1874)
Livro III	Apên. 3-6	pp. 27-42		pp. 496-501
I	—	—	—	1. <sup>a</sup>
II	—	—	—	2. <sup>a</sup>
III	—	—	—	—
IV	—	—	—	—
V	1. <sup>a</sup> (40/50)	—	—	3. <sup>a</sup>
VI	2. <sup>a</sup> (50)	—	—	4. <sup>a</sup>
VII	3. <sup>a</sup> (50)	—	—	5. <sup>a</sup>
VIII	4. <sup>a</sup> (51-54)	—	—	6. <sup>a</sup>
IX	} 5. <sup>a</sup> (51-2)	—	—	7. <sup>a</sup>
X		—	—	8. <sup>a</sup>
XI	7. <sup>a</sup> (55)	—	—	9. <sup>a</sup>
XII	6. <sup>a</sup> (54)	(33)	—	10. <sup>a</sup>
XIII	—	—	—	—
XIV	—	—	—	—
XV	1. <sup>a</sup> (38-39)	} (27)	—	} 11. <sup>a</sup>
XVI	2. <sup>a</sup> (41)		—	
XVII	—	} (28)	—	} 12. <sup>a</sup>
XVIII	3. <sup>a</sup> (42)		—	
XIX	4. <sup>a</sup> (42.44)	} (30)	—	} 13. <sup>a</sup>
XX	—		—	
XXI	—	—	—	14. <sup>a</sup>
XXII	5. <sup>a</sup> (45)	} (33)	—	} 15. <sup>a</sup>
XXIII	6. <sup>a</sup> (45-46)		—	
XXIV	—	—	—	16. <sup>a</sup>
XXV	—	—	—	—
XXVI	—	—	—	—
XXVII	—	—	—	—
XXVIII	—	—	—	—
XXIX	—	—	—	—
XXX	—	—	—	—
XXXI	—	—	—	17. <sup>a</sup>
XXXII	—	—	—	—
XXXIII	—	—	—	—
XXXIV	1. <sup>a</sup> (58-59)	(38)	—	18. <sup>a</sup>
XXXV	—	—	—	19. <sup>a</sup>
XXXVI	2. <sup>a</sup> (60 sq.)	(42)	—	20. <sup>a</sup>
XXXVII	—	—	—	—
XXXVIII	—	—	—	—

EP (1760)	AN (1790)	RD (1850)	EL (1871)	NC (1874)
<b>Livro III</b>	<b>Apên. 6-7</b>		<b>Cap. VIII</b>	<b>pp. 501-2</b>
XXXIX	—	—	—	—
XL	—	—	—	—
XLI	—	—	—	—
XLII	—	—	—	—
XLIII	1. <sup>a</sup> (70-71)	—	—	21. <sup>a</sup>
XLIV	2. <sup>a</sup> (71/75)	—	—	22. <sup>a</sup>
XLV	2. <sup>a</sup> (78)	—	§ 41 (47)	1. <sup>a</sup>
XLVI	1. <sup>a</sup> (78)	—	§ 42 (47)	2. <sup>a</sup>
XLVII	3. <sup>a</sup> (77)	—	§ 43 (47)	3. <sup>a</sup>
XLVIII	4. <sup>a</sup> (82)	—	—	4. <sup>a</sup>
XLIX	5. <sup>a</sup> (82)	—	—	—
L	6. <sup>a</sup> (83)	—	—	5. <sup>a</sup>
<b>Livro IV</b>	<b>Apên. 7-8</b>			<b>pp. 502-4</b>
I	1. <sup>a</sup> (87)	—	—	1. <sup>a</sup>
II	—	—	—	2. <sup>a</sup>
III	2. <sup>a</sup> (90)	—	—	3. <sup>a</sup>
IV	—	—	—	—
V	—	—	—	—
VI	—	—	—	—
VII	—	—	—	3. <sup>a</sup>
VIII	—	—	—	3. <sup>a</sup>
IX	—	—	—	—
X	4. <sup>a</sup> (93)	—	—	—
XI	3. <sup>a</sup> (91-92)	—	—	4. <sup>a</sup>
XII	5. <sup>a</sup> (97-98)	—	—	—
XIII	—	—	—	—
XIV	—	—	—	—
XV	1. <sup>a</sup> (101)	—	—	—
XVI	—	—	—	—
XVII	6. <sup>a</sup> (104)	—	—	—
XVIII	—	—	—	—
XIX	2. <sup>a</sup> (102)	—	—	—
XX	—	—	—	—
XXI	3. <sup>a</sup> (102)	—	—	—
XXII	5. <sup>a</sup> (104)	—	—	5. <sup>a</sup>
XXIII	4. <sup>a</sup> (103)	—	—	6. <sup>a</sup>

**2. Regras recriadas por António Teixeira de Magalhães, que apresentam ecos de mnemónicas e de preceitos de Magalhães e de Lancelot\*.**

<i>Nouvelle Méthode</i>	<i>Epítome [Ep]</i>	<i>Rudimentos [R]</i>
<b>Livre II</b>	<b>Capítulo II</b>	<b>pp. 10-12</b>
...	...	...
<b>XV</b> (77)	<b>XIV</b> (52)	} (10)
<b>XVI</b> (79)	<b>XV</b> (54)	
<b>XVII</b> (82)	<b>XVI</b> (56)	
<b>XVIII</b> (82)	<b>XVII</b> (57)	
<b>XVIII</b> (88)	<b>XVIII</b> (60)	
<b>XIX</b> (89)	<b>XIX</b> (62)	<b>I</b> (12)
		<b>II</b> (12)
<b>Livre III</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>pp. 24-29</b>
...	...	... ..
<b>V</b> (122)	<b>V</b> (99)	<b>I a)</b> (24)
<b>VIII</b> (125)	<b>VIII</b> (103)	<b>I-II</b> (24-5)
<b>XIV</b> (131)	<b>XI</b> (108)	<b>III</b> (25)
—	—	<b>I</b> (25)
<b>XXIII</b> (143)	<b>XV</b> (118)	} <b>II</b> (26)
<b>XXIV</b> (144)	<b>XVI</b> (119)	
<b>XXIX</b> (149)	<b>XVII</b> (121)	} <b>III</b> (26)
<b>XXX</b> (150)	<b>XVIII</b> (123)	
<b>XXXII</b> (152)	<b>XIX</b> (124)	} <b>III</b> (27)
<b>XXXVI</b> (157)	<b>XXI</b> (129)	
<b>XXXVIII</b> (159)	<b>XXII</b> (130)	} <b>V</b> (28)
<b>XXXIX</b> (160)	<b>XXIII</b> (131)	
<b>XLI</b> (162)	<b>XXV</b> (133)	<b>VI</b> (29)
<b>LII</b> (182)	} <b>XXXIV</b> (155)	} <b>I</b> (29-30)
<b>LIII</b> (185)		
<b>LIV</b> (185)	} <b>XXXV</b>	} <b>II</b> (30)
<b>LV</b> (186)		
<b>LVI</b> (188)	<b>XXXVI</b>	<b>III</b> (30-31)
<b>LXII</b> (195)	} <b>XXXVII</b>	} <b>III</b> (31)
<b>LXIII</b> (196)		

\* A numeração entre parêntesis e em itálico diz respeito às páginas das gramáticas.

<i>Nouvelle Méthode</i>	<i>Epítome [Ep]</i>	<i>Rudimentos [R]</i>
<b>Livro III</b>	<b>Capítulo III</b>	<b>pp. 29-33</b>
... — LXV (208)	} XLII (175)	} ...
LXVI (209)	} XLIII (178)	} I (32)
LXVII (210)	} XLIV (180)	II (32)
LXVIII (212)	} XLV (187)	I (33)
LXX (220)	XLVI (187)	II (33)
LXXI (220)	XLVII (188)	III (33)
LXXII (221)		
<b>Livre VI</b>	<b>Capítulo V (pp. 275-7)</b>	<b>Das Partículas (p. 45)</b>
<b>I (361)</b>	<i>Das Prepoziçõins inseparaveis</i>	<i>Das preposições Inseparaveis</i>
<b>Livro VII</b>	<b>Capítulo VI (279 sqq.)</b>	<b>Propriedades da Língua Grega (46 sqq.)</b>
— —	§ II (281)	<i>Na Concordância (46)</i>
II (401)	§ III (283-4)	I
V (410)	§ V (285-6)	II
		III
VIII/IX (431/9)	§ VI (286 sqq.)	<i>Na Regência</i>
XI (447)	§ VIII (290-1)	<i>De Genitivo (47)</i>
XIII (450)	§ X (294)	<i>De Accusativo (47)</i>
XIV (452)	§ VI (288)	<i>Do Verbo Passivo (47)</i>
		<i>Caso Absoluto (48)</i>
— (481-2)	§ I (280)	<i>Do Artigo, do pronome, do Adverbio, do Infinitivo</i>
— —	§ I (280)	I (48)
— (522)	—	II (48)
— (488)	§ IV (284-5)	III (48)
— —	— (270/281)	III (49)
— —	— —	V (49)
		VI (49)